

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO A FERNANDO PESSOA

ARNALDO SARAIVA



CENTRO DE ESTUDOS PESSOANOS

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA

DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

A FERNANDO PESSOA

PREFÁCIO

LEITURA, INTRODUÇÃO E NOTAS DE

ARNALDO SARAIVA



CENTRO DE ESTUDOS PESSOANOS
PORTO/1980

2.
79994

DL - 2 180 22222

MICROFILMADO
9/9/91
Lupões

CORRESPONDÊNCIA
DE MÁRIO DE SA-CARNEIRO
A FERNANDO PESSOA

LEITURA, INTRODUÇÃO E NOTAS
DE
ARNALDO SARAIVA

DISTRIBUIÇÃO

BRASILIA EDITORA — PORTO
BOA LEITURA — LISBOA

Capa e direcção gráfica de *JOAO MACHADO*

Desenho da capa de *ALMADA NEGREIROS*

CENTRO DE ESTUDOS PESSOAIS
PORTO 1980

PREFÁCIO

Muitos pensarão que a correspondência de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa está toda nos dois volumes de Cartas a Fernando Pessoa que Edições Ática publicaram em 1958 e 1959, com notas e apêndices de Helena Cidade Moura e um prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, antecedido de uma «nota dos editores».

É que em nenhum lugar desses volumes foi dito que se tratava de uma selecção de cartas (e postais), ou que, por algum motivo, outras (e outros) tinham ficado de fora. Diga-se de passagem que não é esse o único lapso de tais volumes — que praticaram algumas supressões, trocas e alterações indevidas nos textos de Sá-Carneiro, e cometeram erros e falhas de informações (não indicando sequer o critério da leitura ou transcrição).

Assim, em I, p. 95, vem «Diga você» em vez de «Diga-me você»; em I, p. 183, falta « — P. S. — », depois de «Bilhete Postal»; em II, p. 20, vem «Um grande abraço» em vez de «Um grande, grande abraço»; em II, p. 42, falta a transcrição da «poesia» intitulada «Escala» (que, aliás como outras enviadas com as cartas, nem é transcrita em apêndice) e o «N. B.» que a acompanha: «Escrevo aqui de novo o último verso para o caso de você não compreender por ir borrado: 'O arco, a zona — o Sinal do Oriente!'»; em II, p. 177, falta, no fim da carta n.º 111, a indicação «Paris 4 Abril

1916»; em I, pp. 200-205, vem em apêndice o que deveria vir antes do P. S. da p. 95; o P. S. que é dado como da carta de 2 de Agosto de 1915 (II, p. 46) pertence à carta de 28 de Junho de 1914; a parte final que aparece na carta de 28 de Outubro de 1912 (I, pp. 27-28) pertence à carta de 16 de Novembro de 1912; em I, p. 204, vem «seis doidos» em vez de «seios doidos»; em II, p. 116, vem «Recebi» em vez de «Recebida»; em II, p. 142, vem «carta a Franco» em vez de «carta Franco» — isto é, de Franco; o postal reproduzido em II, p. 27 (que desapareceu do espólio de Pessoa; e não foi caso único, como adiante se verá) devia ter numeração autónoma e uma nota a dizer que a passagem «sem falta Tomaz» é certamente da autoria de D. Tomaz de Almeida; aparecem espaços onde Sá-Carneiro os não pusera (v. g., na carta n.º 110, depois da primeira frase — II, p. 176), ou desaparecem onde ele os pusera (na carta de 5 de Novembro de 1915, II, pp. 113-115); aparecem abusivas maiúsculas onde Sá-Carneiro usava minúsculas («Postal» e «Carta» em I, p. 183; «Amigo» em I, p. 25), e minúsculas onde Sá-Carneiro usava maiúsculas («pessoal» e «Santos» — por «Pessoal» e «SANTOS» — em I, p. 185; «dinheiro» — por «DINHEIRO» — em II, p. 98); aparece (com muita frequência) pontuação onde Sá-Carneiro a desprezara, mas por vezes foi abusivamente suprimida ou modificada a do autor (v. g.: em I, p. 164, vem «digo sub-agentes» em vez de «digo: sub-agentes»; em I, p. 203, vem «morro em som.» em vez de «som!«); a nota de II, p. 45, refere-se a uma carta transcrita em apêndice — onde na verdade vêm 2, não se dizendo aí que a segunda é dirigida à firma A. Xavier Pinto (II, p. 194); a nota 6 de II, p. 21, é incorrecta (cfr. Arnaldo Saraiva, «Das contradições (de) Caeiro às contradições sobre Caeiro», in *Persona*, 2, Porto, Julho, 1978); o mesmo se diga da nota de II, p. 183 (cfr. Arnaldo Saraiva, «Sobre a última carta de Sá-Carneiro para Pessoa» in *Colóquio/Letras*, n.º 43, Maio, 1978); a carta que em II, p. 224, é dada como a n.º 113 é a n.º 114; a nota de II, p. 42, apela para a «nota 2, carta 64» quando deveria ser para a «nota

3»; a nota 5 de II, p. 77, diz «Vide nota 4 Carta 66» quando esta carta não tem nota 4: trata-se, não da «carta 66» mas da carta 65, pelo que é também incorrecta a nota 1 de II, p. 98, que remete para a nota 5 de II, p. 77; não se indica quando se trata de «cartas» propriamente ditas e de «postais»; no índice não se indica o nome de Ronald de Carvalho como director de Orpheu; no índice de nomes há vários lapsos na indicação das páginas. Etc.

Também eu estive convencido durante muito tempo que os dois volumes da Ática reproduziam todas as cartas conservadas de Sá-Carneiro para Pessoa. Mas, relendo atentamente Dieter Woll (Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro) e João Gaspar Simões (Vida e Obra de Fernando Pessoa), verifiquei que eles usavam e citavam cartas ou postais (de Sá-Carneiro para Pessoa) que não figuravam nos dois referidos volumes da Ática. Disso, aliás, dei logo conta em artigo para O Jornal, que foi publicado em 31 de Dezembro de 1976 com o título «Onde param as cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa?». Com esse artigo pretendia eu obter dos editores das cartas, ou da sua anotadora, ou do seu prefaciador, ou de quem quer que fosse, explicações públicas sobre o critério da edição dos dois volumes das Cartas a Fernando Pessoa, e informação sobre o paradeiro das cartas não publicadas.

Como nenhuma explicação ou informação foi dada, tratei de saber pelo menos onde estava a correspondência não publicada. E não me foi difícil encontrá-la — no espólio de Fernando Pessoa. Só que à surpresa da descoberta se juntou a da verificação de que o número de cartas, bilhetes, aerogramas e telegramas inéditos de Sá-Carneiro para Pessoa ultrapassava largamente o número que constava do meu arrolamento inicial.

Devo dizer, aliás, que é possível que o presente volume não contenha ainda todas as cartas inéditas de Sá-Carneiro para Pessoa; não encontrei, por exemplo, cartas de Fevereiro de 1916, e de 26 de Abril, dia da morte do poeta, que se sabe que foram escritas, ainda que não se saiba ao certo se foram enviadas ao destinatário, pelo

próprio Sá-Carneiro ou por um dos seus amigos (vide artigos acima referidos publicados em *O Jornal* e no *Colóquio/Letras*).

Por outro lado, também gostaria de prevenir desde já que a «nova» correspondência reunida neste volume não acrescenta mais do que pormenores aos dados que nos forneceu a correspondência publicada de Sá-Carneiro, e não só a que ele dirigiu a Fernando Pessoa, mas também a que eu publiquei e arrolei no volume *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor/Cândida Ramos/Alfredo Guisado/José Pacheco* (Porto, Limiar, 1977), a que hoje se deveriam juntar as 7 cartas a José Pacheco publicadas por Gustavo Nobre em *Colóquio/Artes*, n.º 35, 2.ª série, Dezembro de 1977.

Assim, nada tenho a acrescentar ao que sobre as cartas de Sá-Carneiro escrevi no prefácio daquele volume. Mas o lote de cartas, bilhetes e telegramas agora publicado vem confirmar de forma impressionante a já suspeitada e até afirmada dependência de Sá-Carneiro em relação a Pessoa, a quem, sabemo-lo agora, chegou a escrever 3 e 4 vezes por dia, ou a quem escreveu com uma frequência — e com uma franqueza — que só costumam usar os namorados, e os praticantes da melhor «camaradagem d'Alma», como dizia Sá-Carneiro.

Em cerca de três anos e meio, Sá-Carneiro dirigiu a Pessoa cerca de 2 centenas e 2 dezenas de «cartas» — ou seja, uma média de 5 por mês. Se nos recordarmos que durante esse período ele passou quase dois anos em Lisboa, onde chegou a encontrar-se diariamente com Pessoa, não teremos dúvidas em considerar que se trata de um «caso» raro da literatura epistolar universal. (Efectivamente, saído de Lisboa para Paris em 13 de Outubro de 1912, Sá-Carneiro aí voltou em 23 de Junho de 1913 e aí — ou esporadicamente na sua quinta de Camarate — se fixou até talvez 22 de Maio de 1914, quando partiu de novo para Paris; em 9 de Setembro desse ano estava outra vez em Lisboa, onde permaneceu até 11 de Julho de 1915).

Perante esta «nova» correspondência de Sá-Carneiro, mais lamentável parece a perda, cada vez mais provavelmente definitiva, das cartas que lhe escreveu Fernando Pessoa, e que não foram de certo em muito menor número. Se é verdade que o autor de *Dispersão* se queixou por vezes do silêncio de Pessoa, também parecem evidentes as indicações da frequência das suas respostas, e do cuidado que nelas punha; são muitas as cartas de Sá-Carneiro que acusam a recepção das de Pessoa, e o próprio Pessoa escreveu por vezes nos sobrescritos e nas folhas das cartas de Sá-Carneiro — que religiosamente guardou — a data ou a indicação da sua resposta.

Pelo que explicita ou implicitamente dizem as cartas de Sá-Carneiro; pelo que lemos nas duas cartas conhecidas que Pessoa dirigiu a Sá-Carneiro; e pelo que sabemos da correspondência de Pessoa, não é difícil avaliar o que se perdeu como documento literário, intelectual e humano. Tudo nos leva a crer que a amizade e a admiração de Pessoa para com Sá-Carneiro, mas também a franqueza, os apelos e a pungência das cartas deste levaram o autor da *Mensagem* a confissões que não terá feito a mais ninguém, ou ao abandono da púdica impessoalidade que usou na correspondência com outros amigos. Comparadas com as que terá dirigido a Sá-Carneiro, as cartas de Pessoa para Ofélia pareceriam sem dúvida bem mais «ridículas» — ou bem menos íntimas.

3) Colocámos sempre em itálico os poemas e os títulos exactos das obras; puzemos sempre entre aspas os títulos de

«Não são declarações de amor: mas tudo isto, toda esta sumptuosidade e depois a grande alma que você é, fazem-me ser tão seu amigo quanto eu posso ser dalguém: encher-me de ternuras, gostar, como ao meu pai, de encostar a minha cabeça ao seu braço — e de o ter aqui, ao pé de mim, como gostaria de ter o meu Pai, a minha Ama ou qualquer objecto, qualquer bicho querido da minha infância!»

Pai, Ama, objecto, bicho querido... — estas palavras de Sá-Carneiro (I, p. 171) dizem melhor do que quaisquer outras do lugar humano e afectivo de onde falava o emissor da correspondência que aqui se publica, ou do lugar onde colocava o seu destinatário.

Por isso, e não apenas pelo lugar cultural ou literário que ambos ocupam na história universal, cremos que se impunha a publicação desta Correspondência Inédita.

ARNALDO SARAIVA

ADVERTÊNCIA

Na transcrição das cartas (postais, telegramas) deste volume, usámos o seguinte critério:

- 1) Modernizámos a grafia, inclusivamente no que diz respeito aos acentos e maiúsculas, mas guardámos as devidas peculiaridades, e respeitámos integralmente a grafia dos poemas;
- 2) Desenvolvemos as abreviaturas, salvo as mais consagradas ou as da assinatura;
- 3) Colocámos sempre em *itálico* os poemas e os títulos exactos das obras; pusemos sempre entre aspas os títulos de partes ou peças de obras;
- 4) Respeitámos a pontuação, excepto num ou noutro caso em que houve lapso ou em que poderia haver confusão, e nalguns finais das cartas;
- 5) Corrigimos alguns, poucos, lapsos evidentes, e de nenhuma expressividade;

- 6) Assinalámos, em notas, os casos que nos suscitavam dúvidas, ou susceptíveis de as suscitar ao leitor;
- 7) Uniformizámos a colocação no espaço da página das datas e fórmulas iniciais e finais das cartas, mas tentámos respeitar algumas peculiaridades;
- 8) Assinalámos com a indicação «(Postal)», «(Telegrama)», os textos que não foram escritos como «cartas», ou «bilhetes», ou «aerogramas».

Na transcrição das cartas (postais, telegramas) deste volume, usámos o seguinte critério:

1) Modernizámos a grafia, incluívamos no que diz respeito aos acentos e maiúsculas, mas guardámos as devidas peculiaridades, e respeitámos integralmente a grafia dos poemas;

2) Desenvolvemos as abreviaturas, salvo as mais consagradas ou as da assinatura;

3) Colocámos sempre em lídico os poemas e os títulos exactos das obras; pusemos sempre entre aspas os títulos de partes ou peças de obras;

4) Respeitámos a pontuação, excepto num ou noutro caso em que houve lapso ou em que poderia haver confusão, e alguns finais das cartas;

5) Corrigimos alguns poucos lapsos evidentes, e de nenhuma expressividade;

(Postal)¹16 Outubro 1912²

Ótimo. Por hoje apenas um grande abraço do seu muito amigo

CORRESPONDÊNCIA

Hotel Richemond
11, rue du Helder

1 Dustrado («L'Arc de Triomphe et les Champs Élysées»):
Este postal foi endereçado a

«Monsieur
Fernando Pessoa
31, rue Passos Manuel — 3.^a andar
Lisbonne
(Portugal)»

2 Sá-Carneiro partira de Lisboa no *Sud-Express* às 11,50 horas do dia 15 de Outubro; Pessoa fora despedir-se dele à estação do Rossio. Não sabemos ao certo quando e como se terão conhecido os dois escritores, mas isso não deve ter ocorrido muito antes dessa data — a avaliar por uma passagem da carta de 2/8/1915 (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 45). Em todo o caso, na dedicatória de *Princípio*, de 23 de Agosto de 1912, Sá-Carneiro já se dirigia ao seu querido amigo Fernando Pessoa.

(Postal)

(Postal) ¹16 Outubro 1912 ²

Ótimo. Por hoje apenas um grande abraço do seu muito amigo

Sá-Carneiro

Hotel Richemond
11, rue du Helder

¹ Ilustrado («L'Arc de Triomphe et les Champs Elysées»).
Este postal foi endereçado a

«Monsieur
Fernando Pessoa
24, rua Passos Manuel — 3.º andar
Lisbonne
(Portugal)»

² Sá-Carneiro partira de Lisboa no *Sud-Express* às 11,30 horas do dia 13 de Outubro; Pessoa fora despedir-se dele à estação do Rossio. Não sabemos ao certo quando e como se terão conhecido os dois escritores, mas isso não deve ter ocorrido muito antes dessa data — a avaliar por uma passagem da carta de 2/8/1915 (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 45). Em todo o caso, na dedicatória de *Princípio*, de 29 de Agosto de 1912, Sá-Carneiro já se dirigia «ao seu querido amigo Fernando Pessoa».

(Postal)

22 Outubro 1912
de Paris

Querido amigo

Afinal demoro-me mais no hotel do que imaginava. Se quiser ainda me pode escrever — o que para mim seria uma grande alegria — para o Hotel Richemond = 11, rue du Helder. *Mas só se escrever ainda hoje e deitar a carta ainda hoje até qualquer hora da noite;* visto que no começo da próxima semana mudarei com certeza de hotel.

Um grande abraço do seu

Sá-Carneiro

(Postal)

(Postal)

Querido amigo

Apenas por agora e na volta do correio um grande *obrigado* pela sua bela carta, que hoje às 8 h. me acordou espiritualmente.

Breve retribuirei.

Um grande abraço

do seu muito amigo

e grato

Sá-Carneiro

Paris — 12 — Novembro — 1912

(Postal) ¹

Meu caro amigo

Recebi a sua quase-carta que muito agradeço. Nada de interessante para lhe narrar. Sempre aborrecido. Diga novidades literárias. Fale da gente conhecida. O Lacerda ² ainda anda sarnoso? O Mário Beirão está em Lisboa? Tem visto o Santa-Rita? Que pensa sobre o livro dele? ³ Ele ofereceu-lho? Quando lhe falar diga que eu pergunto se recebeu as minhas cartas e porque não respondeu. Que disse a imprensa sobre o livro dele? Escreva.

Abraça-o o seu

Sá-Carneiro

¹ Postal não datado, mas certamente escrito por volta de 22 de Novembro; o carimbo dos correios de Lisboa tem a data de 26 de Novembro.

² Pessoa que os editores ou a anotadora (Helena Cidade Moura) das *Cartas a Fernando Pessoa* não souberam identificar pois no *Índice* do II vol. pode ler-se: «LACERDA (?)» — I, 51» (referência ao I volume, pág. 51, carta de 21 de Janeiro de 1913, onde Sá-Carneiro perguntava pelos «Lacerdas, Beirões, Santas-Ritas, Ponces, Ferros»). Tratar-se-ia do ocultista e magnetizador Fernando de Lacerda, que G. Simões dá como amigo de Pessoa? (cf. *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 3.ª ed., p. 375). Tratar-se-ia de Augusto de Lacerda, convidado em 1912 para falar na Sociedade de Amadores Dramáticos (Clube Estefânia), oito dias depois da representação de *Amizade*?

³ Trata-se certamente do livro *Arias, Rezas, Canções e Cantares*, I série, publicado em 1912 por Augusto de Santa-Rita.

(Postal) ¹

Recebi ontem a sua carta que profundamente agradeço. Não com um agradecimento banal, porque ela vale por uma prova de amizade, de confiança. Obrigado.

Brevemente, dentro dum máximo de 6 dias responderei.

Por hoje apenas um grande abraço de sincero amigo.

O

Sá-Carneiro

Paris — Natal de 1912

¹ Ilustrado («Café Restaurant du Cardinal»).

(Postal)

(Postal) ¹

Ano Novo

1913

Ideias e Venturas.

O

Sá-Carneiro

(Paris)

Paris — Natal de 1912

Postal não datado, mas certamente escrito por volta de 22 de Novembro; o carimbo dos correios de Lisboa leva a data de 25 de Novembro.

* Passa-se aqui ao encontro de um escritor (Helder Câmara) das Cortes e Fernando Pessoa não se podem identificar pela sua ilustração. O texto da carta de 21 de Janeiro de 1912, onde Sá-Carneiro pergunta pelos «Lacertos, Belidas, Santos-Júlia, Poesia, Poesia», trata-se de uma referência a um amigo de Pessoa? (cf. Vêde e Ode de Fernando Pessoa, 3.ª ed. p. 375). Trata-se de Augusto de Lacerte, convidado em 1912 para falar na Sociedade de Estudos Dramáticos (Clube Literário) e que depois da representação de Amélia?

¹ Ilustrado («Les écourtées»). O carimbo dos correios de Lisboa indica a data 31/12/1912.

(Postal)¹

2 Janeiro 1913

Paris

Meu caro amigo,

Pelo correio de hoje segue o número do *Mercúrio de França*² que não enviei ontem, como dissera na minha carta³, por estar a acabar de lê-lo.

Um grande abraço.

O seu

Sá-Carneiro

¹ Ilustrado (publicidade do «Café Riche»).

² *Mercure de France*, naturalmente.

³ Datada do «último dia» do «ano de 1912»: «este último número do *MERCÚRIO* fala de você e por isso vou-lho enviar amanhã» (*Cartas a Fernando Pessoa*, I, p. 45).

(Postal) ¹

Paris/20/Fevereiro — 1913

Não teria o meu amigo recebido uma carta longa que lhe escrevi no princípio deste mês, a 3 salvo erro? ² Digo isto visto não ter ainda recebido a sua resposta. E como as suas respostas costumam ser breves...

Abraça-o afectuosamente o seu amigo muito grato

Sá-Carneiro

50, rue des Ecoles

¹ Ilustrado («Café Riche»). Ao cimo do texto, Fernando Pessoa escreveu (à mão): «Resp. 24.2.13».

² Sá-Carneiro dirigiu a Pessoa, efectivamente, uma longa carta em 3 de Fevereiro (*Cartas a Fernando Pessoa*, I, pp. 62-70).

(Postal) ¹

Paris — Fevereiro 1913

Dia 22

Meu querido amigo

Recebi hoje a sua carta que muito e muito agradeço.

Só responderei dentro de uma semana porque lhe tenho muito a dizer e especialmente porque lhe quero enviar completa uma coisa nova que estou prestes a concluir. Trata-se — pasmе mas não se assuste muito — duma poesia!!! ²

Não se assuste muito, torno a pedir. Não julgue que se trata de «portes telegráficos»...

O

Sá-Carneiro

¹ Este postal foi publicado quase na íntegra por João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 3.ª ed., p. 340. A transcrição de Simões traz algumas incorrecções; assim, ele leu «pasmе mas» onde vem «pasmе mas»; e «torno a repetir» onde vem «torno a pedir».

² A poesia em questão, «Partida», é a primeira de *Dispersão*.

(Postal) ¹

Amanhã mando-lhe *com certeza* uma carta — talvez registada — contendo o «Homem dos Sonhos».

Peço-lhe instantemente que me avise no *mesmo dia* da sua recepção por um simples postal.

Vi o *Teatro* e o seu artigo ². Amanhã falaremos ³.

Muitas saudades.

O seu

Sá-Carneiro

¹ Ilustrado («Café-Restaurant de la Régence»). O carimbo dos correios de Paris indica a data 9 de Março de 1913, assim como o de Lisboa indica a de 12 do mesmo mês e ano.

² A revista *Teatro*, que no seu primeiro número, de 1 de Março de 1913, publicava o célebre artigo de Pessoa sobre o *Bartolomeu Marinheiro* de Afonso Lopes Vieira (artigo que Jorge de Sena incluiu nas *Páginas de Doutrina Estética*, Lisboa, Inquérito, 1946, p. 33). Note-se entretanto que há outro primeiro número de *Teatro*, datado de 22 de Fevereiro de 1913.

³ Na verdade, em carta de 10 de Março de 1913, escreveu: «O seu artigo sobre o Lopes Vieira agradou-me extremamente pelas maravilhosas frases agressivas que contém» (*Cartas a Fernando Pessoa*, I, p. 90).

(Postal) ¹

10 de Março 1913

Homem ² e carta (Homem incluído na carta) seguem pelo mesmo correio *registadamente*.

Avise simples postal logo que receber.

O seu

Sá-Carneiro

Mas a vitória falsa envia-se logo,
E cinzas... cinzas só, em vez de fogo...
Onde existe, que não existe em mim?...

Um equilíbrio falso sem ondas,
Noites de amor sem bocas enageladas —
Tudo outro espanto que princípio ou fim...

M. de Sá-Carneiro

3 Maio 1913 — Paris

Pelo mesmo correio vai uma carta.

¹ Ilustrado («Café Riche»).

² Referência à novela a que alude o postal anterior e que, enviada a Pessoa em carta do mesmo dia, viria a ser publicada na *Águia* (vol. III, Maio de 1913), e incluída no livro *Céu em Fogo*.

(Postal) ¹

Paris 16 Abril 1913

Você perdoa a minha impertinência? É também porque o correio daqui oferece muito pouca segurança. Não se esqueça pois, se ainda o não fez, de me responder às minhas 3 cartas ², a última das quais enviada no dia 1.º deste mês acompanhava um número do *Mercúrio de França*. Na anterior ia o «Bailado» ³ completo. Recebeu isto tudo? Diga, sim?

Um grande abraço do seu muito amigo e obrigado

Sá-Carneiro

¹ Ilustrado («Café-Restaurant de la Négresse»). O exemplar do correio de Paris indica a data 9 de Março de 1913, assim como o de Lisboa indica a de 11 do mesmo mês e ano.

² A revista *Tesouro*, que no seu primeiro número, de 1 de Março de 1913, publicava o célebre artigo de Pessoa sobre o *Marinheiro de Alfonso Lopez Vieira* (artigo que Jorge de Sena incluiu nas *Fórmulas de Doutrina Estética*, Lisboa, Imprensa, 1936, p. 32). Noutro exemplar do primeiro número de *Tesouro*, datado de 22 de Março, encontra-se o mesmo artigo.

³ «Bailado», que Sá-Carneiro associou a «*Além*», viria a ser publicado no *Céu em Fogo*.

(Postal)

São 9 e meia da noite. Acabo ¹ de fazer isto num café. Diga ¹ o que vem a ser isto:

*Numa ansia de ter alguma cousa,
Divago por mim mesmo a procurar.
Desço-me todo em vão, sem nada achar,
E a minh'alma perdida não repousa.*

*Nada tendo, decido-me a criar:
Brando a espada, sou luz harmoniosa
E chama genial que tudo ousa
À força unicamente de sonhar.*

*Mas a vitoria fulva esvai-se logo,
E cinzas... cinzas só, em vez de fôgo...
Onde existo, que não existo em mim?...*

.....

*Um cemiterio falso sem ossadas,
Noites de amor sem bôcas esmagadas —
Tudo outro espasmo que principio ou fim... ²*

M. de Sá-Carneiro

3 Maio 1913 — Paris

Pelo mesmo correio vai uma carta.

¹ Curiosamente, no manuscrito vem: «Acaba» e «Digo».

² É o poema que nas *Poesias* aparece com o título «Escavação» (Lisboa, Ática, s/d, p. 55), e com pequenas variantes que se assinalam (salvo no que respeita à acentuação moderna); mas assinale-se primeiramente que em *Cartas*, II, p. 211, as variantes são indicadas incorrecta e incompletamente — além de que não se faz referência ao facto de este poema ter sido enviado com este, neste, postal:

Poesias

- 1,2 *Divago por mim mesmo a procurar,*
3 *Desço-me todo, em vão, sem nada achar,*
4 *E minh'alma perdida não repousa.*

- II,2 *Brando a espada: sou luz harmoniosa*
4 *Únicamente à força de sonhar...*

- III,1 Mas a vitória fulva esvai-se logo...
2 E cinzas, cinzas só, em vez de fogo...
3 — Onde existo que não existo em mim?

- IV,2 Noites d'amor sem bocas esmagadas —

(Postal)

Aí vai outro número da *Dispersão* acabado agora:

Estátua falsa

Só d'ouro falso os meus olhos se douram;
 Sou esfinge sem misterio no poente.
 A tristeza das coisas que não foram
 Na minh'alma desceu veladamente.

Na minha dôr quebram-se espadas d'ansia,
 Gomos de luz em treva se misturam.
 As sombras que eu dimano não perduram;
 Como Hontem, para mim Hoje é distancia.

Já não estremeço em face do segredo;
 Nada me aloira já, nada me aterra;
 A vida corre sobre mim em guerra,
 E nem sequer um arrepio de medo!

Sou estrela ebria que perdeu os ceus,
 Sereia louca que deixou o mar;
 Sou templo prestes a ruir sem deus,
 Estátua falsa ainda erguida ao ar...¹

¹ Nas *Poesias* este poema aparece (p. 66) com as seguintes variantes (não se anotam as diferenças simples de acentuação):

- I,1 Só de oiro falso os meus olhos se douram;
- II,1 Na minha dor quebram-se espadas de ânsia,
- 3 As sombras que eu dimano não perduram,
- 4 Como Ontem, para mim, Hoje é distância.

Paris = 5 de Maio 1913

Nota — A 1.^a quadra é a orquestração duma frase em prosa
que eu lhe enviei como sendo do «Além».

Abraços e desculpas do

Sá-Carneiro

(Postal) ¹

19 Junho 1913

Meu querido amigo

Chego a Lisboa na próxima 2.^a feira 23² de Junho (vinte e três de Junho). Gostava muito de o ver na estação. O comboio, o sud-express, chega às 22,52 (ou seja às 10,52 da noite). Logo até segunda.

O seu

Sá-Carneiro

(com um grande abraço)

¹ Dieter Woll valeu-se deste postal, ou dos seguintes, sem o(s) transcrever, na obra *Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro*, Lisboa, Delfos, 1968, p. 32.

² Sá-Carneiro escreveu inicialmente «22», escrevendo depois um 3 sobre o segundo 2 de 22.

(Postal) ¹

Meu caro amigo,

Chego a Lisboa pelo Sud-Express na próxima segunda-feira
23. Gostava de o ver na estação.

Mil abraços do
Sá-Carneiro

O comboio chega às 10,52 da noite.

¹ Não datado; mas o carimbo dos correios de Paris indica a data: 19 de Junho de 1913.

(Postal) ¹

Meu querido amigo

Para a hipótese do meu bilhete de ontem se ter perdido: chego a Lisboa segunda-feira 23 de Junho pelo Sud-Express (estação do Rossio às 10,52 da noite). Gostava muito de o ver na estação. Estará Você zangado comigo? Nunca mais me escreveu...

Grande abraço do

Sá-Carneiro

Você recebe este postal exactamente no dia em que eu chego.

¹ Não datado; mas o carimbo dos correios de Paris indica a data 21 de Junho de 1913, data atribuída ao postal por Dieter Well, que também o utilizou (v. nota 1 do n.º 15), e por mim próprio no artigo «Onde param as cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa?» in *O Jornal*, 31 de Dezembro de 1976. Todavia, atendendo ao «ontem» do texto, parece mais correcto datá-lo do dia 20 de Junho.

(Postal)

Outro erro:

Você viu o automóvel transportando a «chegada do Ramos».

Pois bem: Às 4 1/2 recebi um telegrama titi assim:

Luís não chegou¹.

Hein?

!!!!

Abraços do

Sá-Carneiro

Lisboa — Agosto 1913

Dia 26²

¹ Estava previsto que Luís Ramos (ou Luís de Montalvor) regressasse no dia 27 do Rio de Janeiro, onde era secretário do embaixador Bernardino Machado, mas, ao que parece por razões pessoais, só estaria em Lisboa em meados de Janeiro de 1914. No dia de que datou este postal, Sá-Carneiro escreveu outro ao próprio Luís Ramos, a pedir-lhe para o visitar logo que chegasse, no dia 27. Como não chegou, a tia de Luís Ramos, Cândida, terá enviado a Sá-Carneiro um postal e o telegrama que ele refere, e que agradeceu no dia seguinte (cf. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor/Cândida Ramos/Alfredo Guisado/José Pacheco*, Porto, Limiar, 1977, p. 53 e p. 63).

² Deve ser engano de Sá-Carneiro, por «27». Aliás, o carimbo dos correios de Lisboa indica «28».

(Postal)

(Postal)

Sabe? Amanhã às 3 horas (3) em minha casa, se quiser aparecer, encontrar-me-ia e o Guisado¹ que teria muito prazer em estar consigo.

Um grande abraço do

Sá-C.

Terça-feira 2 Outubro 1913

Sá-Carneiro
(certo)

11 Outubro 1913 — Em Piana Rua.

¹ Em *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...* deixei dito (p. 121) que se Sá-Carneiro e Guisado «se tinham relacionado, ao menos literariamente, em 1912, não há sinais de grande proximidade entre eles antes dos fins de 1913».

20

(Postal)

Lisboa — Outubro de 1913

Dia 8

Meu querido amigo,

Perdoe-me!

Era um grande, enorme favor se me aparecesse amanhã quinta-feira 9 em minha casa para o que sabe: *provas!*¹ Encontra-me em casa desde as 2 às 6 horas. Era uma gigantesca amabilidade da sua parte se aparecesse. Ficava-lhe infinitamente agradecido.

Perdoe-me!

Perdoe-me!!

O

Sá-Carneiro
(certo)

¹ Estava previsto que Luís Ramalho (ou Luís de Montalvor) regressasse no dia 27 de Rio de Janeiro, onde era secretário do subalcaide Bernardino Machado, mas, ao que parece por razões pessoais, não estaria em Lisboa em meados de Janeiro de 1914. No dia de que data este postal, Sá-Carneiro escreveu outro ao próprio Luís Ramalho, a pedir-lhe para o visitar logo que chegasse, no dia 27. Como não chegou, a mãe de Luís Ramalho, Cândida, terá enviado a Sá-Carneiro um postal e um telegrama que ele refere, e que agradeceu no dia seguinte (cf. Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor/Cândida Ramalho).

² Provas de *A Confissão de Lúcio* que acabou de se imprimir em 1 de Novembro de 1913, ou talvez de *Dispersão*, que acabou de se imprimir em 26 desse mesmo mês. No original «provas» é sublinhado com dois traços.

(Postal)

Mártir S. Fernando (Pessoa) ¹
das provas!

Ver as provas de máquina

— Tragédia! —

Será *segunda-feira* às
4 e meia!...

Mas você se não puder aparecer

— Motivos escritórios —

Não apareça. Verçi eu só!

Entretanto

Encontra-me em minha casa

Até às 4 e meia.

Adeus. Muitos Perdões. Não se

Transtorne por mim.

Mário de Sá-Carneiro

11 Outubro 1913 — Em Plena Rua.

¹ Cfr. carta de 13 de Agosto de 1915: «S. Fernando Pessoa, lembra-se, como eu lhe chamava o ano passado» (*Cartas a Fernando Pessoa* II, p. 56).

(Postal) ¹

Se você logo às 8 1/2 9 horas pudesse aparecer no Martinho?...

Mas só *podendo*!

Hein? Só *podendo*.

O

Sá-Carneiro

¹ Não datado; mas o carimbo dos correios de Lisboa indica a data 17 de Outubro de 1913.

Lisboa — Outubro 1913

Dia 20

Meu querido amigo,

Se quiser e lhe for possível, agradecia-lhe muito que apparecesse esta noite ¹ — conforme lhe vou telegrafar — no *Montanha* às 8 1/2 9 h. para o que sabe. Mas não se prejudique por minha causa. Só se *puder e quizer*.

O seu

Sá-Carneiro

(no *Montanha*!)

¹ Esta carta não foi enviada pelo correio mas entregue em mão.

(Telegrama)¹

Aparece podendo Montanha noite

Sá

24-Carmiro

(no Montanha)

¹ O carimbo dos correios de Lisboa indica a data 20 de Outubro de 1913.

(Telegrama) '1
Favor inaudito apparecesse café Montanha noite

Como
dor, em compensação fácil (mesmo dum cajadado matando do lado)
Sá
lhos: Você e o engenheiro do Mito-Belão-pior-do-que-o-Kant)
e lhe ficam juntamente os meus versos', alguns opinam nem
-Adieu, até logo"

Como
lho, em compensação fácil (mesmo dum cajadado matando do lado)
Sá
lhos: Você e o engenheiro do Mito-Belão-pior-do-que-o-Kant)
e lhe ficam juntamente os meus versos', alguns opinam nem
-Adieu, até logo"

24-Carneiro

Como atrás já foi dito, a Diáspora acabou de se imprimir
em 28 de Novembro, mas só deve ter saído da tipografia no dia 5 de
Dezembro — data em que Sá-Carneiro fez algumas dedicatórias, inclu-
sive a Alfredo Guimarães. A dedicatória para Pessoa era a seguinte:
«A Fernando Pessoa — no grande espírito, no admirável Poeta —
intensa admiração e funda amizade do muito seu Mito de Sá-Car-
neiro»

¹ O carimbo dos correios de Lisboa indica a data 23 de Outu-
bro de 1913.

Meu querido Fernando Pessoa,

Como a *Dispersão* é de difícilimo transporte e tenho portador, em compensação fácil (mesmo duma cajadada matando dois coelhos: Você e o engenheiro do Mário-Beirão-pior-do-que-o-Kant) aí lhe ficam juntamente os meus versos ¹.

Adeus, até logo ²

o seu muito amigo e obrigado

Mário de Sá-Carneiro

Lisboa 9 Dezembro de 1913

¹ Como atrás já foi dito, a *Dispersão* acabou de se imprimir em 26 de Novembro, mas só deve ter saído da tipografia no dia 8 de Dezembro — data em que Sá-Carneiro fez algumas dedicatórias, inclusive a Alfredo Guisado. A dedicatória para Pessoa era a seguinte: «A Fernando Pessoa — ao grande espirito, ao admirável Poeta — intensa admiração e funda amizade do muito seu Mário de Sá-Carneiro».

² Esta carta não foi enviada pelo correio mas entregue em mão.

Lisboa — Dezembro de 1913

Dia 22

Meu querido amigo,

Gostava muito de falar amanhã com você. Tanto que perdi hoje o dia à sua procura! É sobretudo por causa de S. Ex.^a o Sr. Prof. Antena.¹ Há muitas ideias e antes de o começar a fazer gostava muito de falar consigo. Ficava-lhe pois, meu querido Fernando Pessoa, muito grato se a qualquer hora você amanhã *terça-feira* passasse por minha casa a qualquer hora. Eu estarei até às 4 1/2 horas. Tenho mais coisas interessantes a dizer-lhe. Rogo-lhe pois que faça o possível por não faltar. Será mais uma gentileza que lhe ficarei devendo. Até amanhã. Abraços do seu muito seu

Sá-Carneiro

¹ Protagonista de uma das novelas de *Céu em Fogo* (1915), justamente intitulada «A Estranha Morte do Prof. Antena».

(Início) querido Fernando Pessoa.

(Posta!)

Vá lá mais uma vez, meu querido Fernando Pessoa, desculpa ¹ a maçada!... Agradecia-lhe muito se amanhã à tarde você aparecesse em minha casa com a conferência maúlica ², porque o editor mandou dizer que tinha uma certa pressa nas provas. Mas eu não quero que você se constipe. Logo se estiver a chover torrencialmente como agora, às 8 da noite de domingo, não se molhe... Mas caso contrário, venha cá à tarde, sim, meu querido amigo? Demais falar-lhe-ei de M.^{le} Marfa Ivanovna Zagoriansky ³. Não

¹ Sic.

² Sic. Tratar-se-á de um lapso, por «paúlica», como parece pedir o «viva» final? Ou tratar-se-á mesmo da referência a um texto «maúlico», de Carlos Maul, brasileiro nascido em 1889, que foi colaborador da *Águia* e que se tornou amigo de Sá-Carneiro, que com ele se correspondeu. Poeta, contista, autor teatral, biógrafo, tradutor, Carlos Maul foi deputado pelo Estado do Rio, e membro da Academia Fluminense de Letras, tendo falecido em 1973.

Em Julho de 1979 tentei junto de familiares seus colher informações sobre as suas relações com Mário de Sá-Carneiro, mas nenhuma puderam ser-me dadas.

³ Nome da irmã de Petrus Ivanovitch Zagoriansky, protagonista da novela «Asas» e «autor» de «Além e Bailado», que a Marfa é dedicado. «Além», incluído com «Bailado» e como «Asas» em *Céu em Fogo*, foi inicialmente publicado em *A Renascença*, n.º 1, de Fevereiro de 1914.

conhece?... Então, não é verdade, até amanhã *segunda-feira* à tarde, em minha casa. (Eu só saio às 4 e 1/4). Adeus. Um grande abraço

do Mário de Sá-Carneiro ⁴

Domingo 8 de Fevereiro de 1914

Viva o PAULISMO!...

⁴ «do Mário de Sá-Carneiro» foi escrito ao cimo do texto, naturalmente porque faltou espaço em baixo, enquanto «Viva o PAULISMO!...» foi escrito verticalmente no lado direito.

Lisboa — Fevereiro de 1914

Dia 25 (Quarta-feira de cinzas)

às 9.45 m.

Meu querido Amigo,

Recebi agora um postal do Álvaro Pinto que me diz que vem amanhã quinta-feira a Lisboa. Eu aviso-o, a você, pois talvez lhe queira falar e ignoro se ele o preveniria.

Mas há mais, quer ver? O secretário da *Águia* (para não repetir o seu nome, beneficiando o estilo — compreende?) diz-me que lhe deixe eu as minhas ordens, de tarde, na Livraria Ferreira, ao Carlos Alberto. E eu não só ignoro quem seja este senhor, como não vou à Livraria Ferreira...

— Olhe, esta noite, se não tiver coisa mais interessante e mais útil a fazer — porque não aparece em minha casa?... Isso é lá consigo, claro. Em todo o caso até às 10 horas encontra-me a pé, por via da Ressurreição¹. (De resto eu não sei se esta carta lhe chegará ainda hoje).

Mas provavelmente, à noite, está a chover...

Não se constipe. Adeus. O

Mário de Sá-Carneiro

¹ Veja-se adiante a nota 2 do n.º 31.

Último de Fevereiro de 1914
(ano não bissexto — Lisboa)

Agradeço-lhe, saudando-o em Áureo, Sucesso da citação
amiélica. Você tem genialmente razão. Grande abraço do seu con-
frade em Além

Mário de Sá-Carneiro

Lisboa — Fevereiro de 1914

Lisboa — Fevereiro de 1914 (Postal) ¹

Dia 23 (Quarta-feira de cinzas)

(Lisboa — ano não bissexto)

Lisboa — Março 1914

Dia 20

leitura ressurreição ² vitoriano braga ³ amanhã sábado 21 à noite 9 horas 9 e meia não falte você querido fernando pessoa por consequência esperá-lo-ei em ânsia dourada sá carneiro

¹ Este postal é endereçado a

«Mestre

Fernando Pessoa

24. Rua de Passos Manuel (3.º Esq.)

em Lisboa»

mas Sá-Carneiro dirigia a correspondência, normalmente, para o «Exmo. Sr.» ou para «Monsieur» Fernando Pessoa. Note-se entretanto que o postal seguinte já é enviado para a nova morada de Pessoa, que é também a de Ana Luísa Nogueira de Freitas, a «tia Anica»:

119, Rua Pascoal de Melo, 3.º Dit.º.

² Certamente a novela com este título incluída em *Céu em Fogo* e escrita de Janeiro a Março de 1914. Em carta de 17 de Março de 1914 a José Pacheco, Sá-Carneiro diz que conta ter «pronta» a sua novela «na quinta-feira» (*Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, p. 79).

³ Vitoriano Braga (1888-1940), jornalista e escritor teatral (*A Bi*, *Octário*, *Inimigos*, etc.), parente e amigo de Fernando Pessoa, e também amigo e correspondente de Mário de Sá-Carneiro.

(Postal)¹Paris² — Junho 1914

Dia 8

Apenas, em Ouro um grande Abraço.

Zebradamente e a íris muitas saudades. O mesmo quarto do mesmo Hotel³.

Mário de Sá-Carneiro

*Desolado é o jardim de Mim, jardim de Mim...**Quebrado é o jardim de Mim, jardim de Mim...**Talvez a mim o jardim de Mim...**Finda... Horas planas... Olor-brochido...**Luz-amala... Luz-perdida... Orquidea-pranta...**O jardim de Mim, jardim de Mim...**Muitos jardins de Mim, jardins de Mim...*

Paris Junho 28 — 1914

Mário de Sá-Carneiro

¹ Como se diz na nota anterior, este postal foi já enviado para a nova morada (desde Maio) de Fernando Pessoa.

² Sá-Carneiro já se encontrava em Paris pelo menos desde 3 de Junho, data em que escreveu uma carta a Pessoa, seguida, 2 dias depois, de outra a Alfredo Guisado. Mas em carta de 21 de Abril para José Pacheco, então em Paris, já falava «nesta abominável Lisboa a cinzento, amarelo e bafos avinhados, democrática e grosseira, sua-damente» (in *Colóquio/Artes*, 2.ª série, n.º 35, Dezembro de 1977).

³ Grand Hotel du Globe — 50, Rue des Ecoles.

Paris — 12 Junho 1914

Em ouro, meu caro Amigo, Paris! — em Ouro!

Então o Santa-Rita, sabe, foi hoje não obstante procurar-me ao Hotel — mas poucas palavras trocámos entrando eu com o meu Pai. O mesmo fato e bonet — como o Pacheco outro dia contava — todo esculpido em trapo — e a voz a mesma e todo o corpo tremia — mas numa tremura onde havia o seu quê de bamboeamento. Enfim dar-lhe-ei novidades. Ó Pessoa¹, dizia-me, é verdade, o n.º da porta da Renascença para eu mandar o dinheiro ao Álvaro Pinto. Bem e escreva. Adeus com um grande abraço d'alma — a íris roxo e lume, roçagantemente a cristal

o

Sá-Carneiro

Muitos parabéns pelas 26 primaveras amanhã!

¹ Leitura duvidosa. Ou escrita.

Apoteose

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro
 Dormindo fogo, incerto, longemente...
 Tudo se me igualou num sonho rente,
 E em metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze as que inda chóro —
 Pilastras mortas, marmores ao Poente...
 Laguearam-se-me as ansias brancamente
 Por claustros falsos onde nunca óro...

Desci de Mim. Dobrei o manto d'Astro,
 Quebrei a taça de cristal e espanto,
 Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
 Luar-ansia... Luz-perdão... Orquídeas-pranto...

.....

— Ó pantanos de Mim, jardim estagnado... ¹

Paris Junho 28 — 1914

Mário de Sá-Carneiro

¹ Nas *Poesias* este poema, que pertence aos *Indícios de Oiro*, traz as seguintes variantes (não se apontam as de simples acentuação):

- I,1 Mastros quebrados, singro num mar de Ouro
- 3 Tudo se me igualou num sonho rente,
- II,3 Laguearam-se-me as ânsias brancamente
- III,1 Desci de Mim. Dobrei o manto de Astro,
- IV,3 Ó pântanos de Mim — jardim estagnado!...

Carta 9 12 Junho 1914

(Postal)

Em Ouro, saúde — interseccionadamente!... Recebi a sua carta que muito agradeço — e de joelhos lhe peço de novo perdão por toda a maçada que lhe tenho dado. Perdão e mil emboras!... Estupores, lepidópteros¹ os livreiros! Mas em todo o caso os 50 francos eram para supérfluos: livros, teatro... e ceroulas... Paciência, será para o mês que vem! Vou escrever ao meu Pai pedindo que não pague a conta, expondo-lhe o assunto dos Princípios.² Quem fica assim tramado são eles a quem pelo mesmo correio escrevo este postal: «Ex.^{os} Sr. Ferreira, limitada: Tenho o vivo pesar de comunicar a V. Ex.^{as} que antes de entregarem os meus volumes também aí não será saldada a minha conta. Com efeito previno pelo mesmo correio o meu Pai do interessante episódio... Sem mais, sou com toda a consideração de V. Ex.^{as} at. vene. criado muito grato Mário de Sá-Carneiro».

Novidades, nem meia. Um calor horrível e um hediondo ar de festança popular: o 5 de Outubro cá da terra. Eu literaria-

¹ Como disse Almada-Negreiros, esta palavra foi uma «Criação de Mário de Sá-Carneiro» e foi «a mais profunda das três criações de vocábulos perjurativos usuais em dias de *Orpheu*» (*Orpheu* 1915/1975, Lisboa, Ática, p. 29). De acordo com o mesmo Almada, lepidóptero «simula com o próprio vocábulo palavra erudita com todo o fingimento de individuar categoria de excepção».

² O «assunto dos Princípios» (isto é, dos exemplares de *Princípio*) é esclarecido pela carta de 27 de Junho (*Cartas a Fernando Pessoa*, I, pp. 160-161). Sá-Carneiro com falta de dinheiro pedia a Pessoa que fosse levantar à Livraria Ferreira os exemplares que lá estivessem (250 a 300) e os levasse para vender à Livraria Universal. Pessoa não terá conseguido levantá-los por causa da «conta em débito» de Sá-Carneiro naquela Livraria.

mente inactivo, reservo-me para quando estiver mais fresco... O Pacheco está em Lisboa quando você receber este postal — deve ter aí chegado na terça-feira³. Mando-lhe um abraço grande por ele — e já agora peço que lhe dê outro meu — em última hora... O Guisado afinal quando vai para a Galiza? Dê-lhe muitas saudades minhas! E o Côrtes-Rodrigues, sabe dele?... Bem, meu Querido Amigo, até breve — e perdoe ir hoje só um postal. Adeus! Agradecimentos repetidos e um gigantesco abraço!... Escreva sempre. O seu

Mário de Sá-Carneiro

11 Julho 1914

³ Como disse em *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...* (p. 126), Pacheco deverá ter partido para Lisboa exactamente a 11 de Julho.

Paris¹ — Agosto de 1914

Dia 1.^o ²

Escrevo-lhe numa hora terrível — meu querido Amigo. Para o mundo — para a Europa — e mesmo, pessoalmente, para mim: para nós todos... O que se irá passar? Ninguém o sabe. Mas neste momento a guerra parece inevitável. Toda a Europa em armas — lê-se nas manchettes. E mesmo de Lisboa, telegramas: Portugal mobilizará 10 mil homens em vista da aliança inglesa. Por mim estou ansioso e desoladíssimo neste momento. O meu Pai já ontem me telegrafou de L. Marques³ a dizer-me que era melhor voltar para Lisboa. Respondi-lhe que valia ainda esperar. A cada passo entretanto receio ter que partir por ordem dele — ou mesmo forçado pelas circunstâncias. Isso para mim, por 10 mil razões, é uma catástrofe... Pode pois bem compreender o meu estado de espírito nesta ocasião. Seja como for só partirei em último caso. Estou muito triste! De resto, embora os perigos, eu gostaria veementemente de viver esta guerra de Europa em Paris. Mas não sei, nada, nada... — Recebi hoje a sua carta de 28 que muito agra-

¹ Carta escrita em papel do «Café de France/Restaurant/Ch. Sébillion/L. Billard, Succ. /, 9, Boul.^d S. Denis/Boul.^d Sébastopol 114/ /Téléphone 1029-45».

² Em *Cartas a Fernando Pessoa* foi publicado (I, pp. 183-184) um postal de 27 de Julho que aparentemente se seguiu — pois até se dá como «P. S.», indicação que desapareceu na publicação — a uma carta do mesmo dia, que não foi publicada nem se encontra no espólio, carta em que se esquecera de citar um título possível «para o novo volume» de novelas.

³ O pai de Sá-Carneiro estivera pouco antes em Paris, de onde seguira para Lourenço Marques (Maria Aliete Galhoz, *Mário de Sá-Carneiro*, p. 16).

deço e achei interessantíssima. Parece impossível que você receie maçar-me com o que nela diz!... Sobretudo entusiasmou-me a sua teoria da «República Aristocrática»⁴ — que creio ter perfeitamente compreendido. E entusiasmou-me muito alto — por o «paulismo» lhe ser um forte apoio. Cada vez mais me vanglorio de pertencer a essa escola — e mais creio nela: mais creio em você — mais creio em mim. Que belíssima coisa seria agora com essa orientação «total» a nossa revista — Europa! — Curiosíssima a atmosfera de Paris entre estes acontecimentos. Toda a gente passa na rua, sombria, preocupada: e a mesma compreensão do perigo todos sobressalta. Há, sinto em verdade — não apenas por literatura — qualquer coisa a mais no ambiente tremulante (devido em «racional» por certo, aos meus nervos de inquietação), o movimento dos veículos parece outro, *mais contínuo* — mais soturno... Enfim, qualquer fluido ondeia na atmosfera além do ar — tenho, em sinceridade essa impressão. E lembro-me — agora por literatura — que em verdade a força psíquica de toda a gente pensando na mesma coisa — de tanto cérebro com a mesma preocupação profunda, de igual sentido, de iguais inflexões — poderia, deveria presumivelmente criar na atmosfera envolvente qualquer coisa de subtil... Isto seria uma crónica interessante a desenvolver... uma crónica, sabido, laivada de interseccionismo.

Recebi também carta do Guisado com as duas poesias a que você se refere⁵. Magníficas. Mas concordo muito com o que o meu

⁴ No volume *Sobre Portugal*, organizado por Joel Serrão (Lisboa, Atica, 1979) publicam-se «Esquemas Vários» e a «Enumeração de obras publicadas ou a publicar», entre as quais figura a «Teoria da República Aristocrática» (p. 259).

⁵ Sá-Carneiro, em cartas a Guisado de Julho de 1914, acusa a recepção de «Choro de Maria» e de sonetos «maravilhosos, geniais» — um dos quais, talvez, considerado «admirável» por Pessoa. Cf. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, pp. 69-72, e pp. 124-125, nota 76.

Amigo diz na sua carta sobre as deficiências, ainda, do Guisado. Também ontem me chegaram versos do C. Rodrigues: «Odes proféticas» que são belas, — entanto muito menos as senti do que os a⁶ maioria dos seus versos. — Desculpe não prolongar esta carta mais. Mas o meu terrível estado de espírito não mo permite, nesta onda de calor que, de mais a mais, hoje caiu sobre Paris. E oxalá não seja esta a última vez que eu lhe escreva daqui.

Mil abraços — mil agradecimentos pela sua carta, também.

O seu

Mário de Sá-Carneiro

Saudades do Franco⁷

⁶ Sic.

⁷ Carlos Franco, pintor com quem Sá-Carneiro se relacionou estreitamente em Paris, e a quem dedicou o texto «Eu-Próprio o Outro» de *Céu em Fogo*. Morreu na I Grande Guerra, em combate.

Paris da Guerra — Agosto de 1914

Dia 6

Por agora isto só meu Querido Amigo: Imediatamente após receber esta carta vai ao Correio Geral e expede-me *em vale telegráfico* os 30.000 réis juntos. Isto pela impossibilidade de se trocarem notas aqui. Ao mesmo tempo envia um telegrama anunciando o vale. Não deixe de fazer isto para meu sossego. Desconte — *mas desconte sem falta* — o preço do telegrama e do vale. Zangar-me-ei se assim não o fizer. Mas vá já imediatamente enviar-me o vale telegráfico e o telegrama! Siga à risca as minhas instruções. Mil desculpas, mil agradecimentos — mil abraços. Logo devo escrever carta. Adeus! Fico em cuidado! Telegrafe imediatamente despacho e vale. Não sei se partirei. Por agora não posso. Não há nenhuns comboios. Mas prefiro ficar. Conto mesmo ficar, malgré tout. Abraços. Abraços! O seu

Mário de Sá-Carneiro

Paris, ¹ le 6 Agosto 1914

Meu querido Amigo,

Estou muito triste. Desoladora e comovidamente triste. É uma tristeza de silêncio, macerada a tons de platina—duma parte; e doutra: um arrepio de angústia, um não-querer apavorado. Se eu lhe disser que toda esta minha tristeza a motiva a guerra — talvez sorria você, e entretanto ² é ela que, na verdade, a provoca pelas complicações horríveis que pode trazer à minha vida. Nem o meu amigo as calcula — nem eu lhas posso explicar. E não é tudo: é uma saudade, uma saudade tão grande e piedosa do meu Paris de Europa, atônito, apavorado e deserto. Sim, sem literatura eu lamento as grandes lojas fechadas, os cafés apagados — todo o conforto perdido! Teatros, pequeninos quartos de hotéis, os salões dos grandes costureiros... Tanta pena, tanta pena... Eu sinto-me em verdade a amante pequenina dum rapaz loiro de vinte anos que partiu para a guerra e não voltou... Doutra forma não posso explicar porque a esta hora sinto uma tristeza de beijos que nunca dei... uma saudade de mãos que não enlaçaram, talvez, as minhas — e tudo isto apenas suscitado pela devastação que me rodeia... Porque sentirei tão estranhamente? Meu Amigo, como uma vez você avisava numa sua carta — perdoe-me a literatura, e não duvide da sinceridade da minha tristeza. Estou horivelmente desgraçado de

¹ Carta escrita em papel da «Chope Parisienne/Maison Musseu/ 60, Rue des Ecoles/Salle de réunions/Téléphone Gobelins 40-19». Impresso ainda: «Paris le ——— 191 ».

² No manuscrito: «entranto», pelo que também se justificará a leitura: «entanto».

alma — num nervosismo constante, vibrante e aniquilador. Horas de inquietação zigzagueada as que vivo — mas de inquietação de mim próprio. Entanto talvez de mim próprio: *como um pedaço de Europa*. — Queria-lhe dizer muita coisa interessante, mas não posso. É-me um suplício físico cada letra que a minha vontade arrepiada, *debotada*, escreve. Apenas isto, muito por alto: lembrei-me longinquamente de escrever um livro intitulado: «Paris da Guerra» aonde iria anotando as impressões diárias: mas interseccionadamente: falando dos fluidos a que me referi na minha última carta, da tristeza de que lhe falo nesta etc. Compreende? Tenho de resto muitos episódios a tratar assim. Diga o que pensa. — Agora isto meu amigo — recorde-se: eu disse-lhe em Lisboa, no Café da Arcada: tenho a impressão que me sucede qualquer coisa em Paris, que «há» qualquer coisa em Paris, este Verão, por Agosto ou Setembro. Recordase? É fantástico, não é verdade? Mas bem longe estava de supor uma guerra!... — Recebi o livro do Ferro e Cunha³ que está na verdade muito bem apresentado e me deixou uma bela impressão. Transmita isto a esses rapazes, pois não tenho forças para lhes escrever. Leia esta carta ao José Pacheco que é também para ele, em pensamento. E que me desculpe o não lhe escrever neste instante⁴. Não posso! Não posso! Atravesso uma crise sem fim de tristeza dilacerada (não dilacerante: dilacerada). Eu bem sei. Mais

³ António Ferro e Augusto Cunha, *Missal de Trovas*; publicado em 1914 pela Livraria Ferreira, este livro abre com textos de João de Barros, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Afonso Lopes Vieira e Júlio Dantas. O texto de Mário de Sá-Carneiro — prosa poética sobre «a quadra popular» — foi transcrito no apêndice de *Cartas a Fernando Pessoa*, II, como nota à carta que curiosamente tem naquela edição o n.º 38 (e que é a última do I volume).

⁴ Escrever-lhe-ia um postal 3 dias depois (v. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro*..., pp. 83-84).

do que nunca me vem a sensação do Fim. Meu Amigo, aperte-me nos seus braços! Meus Amigos apertem-me estreitamente nos vossos braços. Adeus.

O

Mário de Sá-Carneiro

Pelo mesmo correio seguiu uma carta registada com 30.000 réis dentro para o meu querido Fernando Pessoa imediatamente mos enviar por vale telegráfico pois aqui não trocam notas estrangeiras.

(Postal)

Paris da Guerra — Agosto 1914

Dia 10

Meu Querido Amigo,

tenho recebido correspondência de Lisboa e até do Guisado. Mas nada seu! Creio que se teria perdido alguma carta sua! Outro dia mandei-lhe uma registada com 30.000 réis para você me telegrafar. Se quando receber este ainda ela não tiver lá chegado telegrafe-me imediatamente. Espero ansioso notícias suas! E escreva. Saudades do Franco aqui ao meu lado!... Adeus! Escreva!... Milhões de abraços!

O seu

Mário de Sá-Carneiro

A existência desta carta era referida noutra carta a Fernando Pessoa, de 6 de Setembro de 1914: «Nada mais me vem provavelmente da minha poesia TACITURNO que lhe envio de Paris, aí por sob o nome O...»

(Telegrama)¹

Avez reçu argent — Carneiro

¹ Emitido de «Paris» («98610 11 15 16/35»). O carimbo dos correios de Lisboa indica a data 15 de Agosto de 1914. V. p. 64.

Paris¹ — Agosto de 1914

Dia 17

Meu Querido Amigo,

Estou muito preocupado, muito enervado com o seu inexplicável silêncio de há mais de 15 dias! Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa de gravidade? Não sei — e isso ainda mais me preocupa. Em todo o caso, sabendo o meu querido Pessoa como a incerteza é dolorosa para mim parece impossível que não me escrevesse ainda — nem me telegrafasse acusando a recepção da minha carta registrada. Creia que fez muito mal em proceder assim — fossem quais fossem as circunstâncias. Eu não me zango com você por ainda não ter recebido o dinheiro apesar da falta que ele me faz. Zango-me apenas — e muito, pela sua inadmissível falta de notícias. Tenho recebido cartas de Lisboa apenas com 1 dia de atraso — e ainda há 4 dias recebi uma carta do Guisado, também quase sem atraso. Assim não lhe posso desculpar o seu silêncio. Creia que o meu querido Amigo me tem feito mal — e, sobretudo, tem sido *injusto* para comigo. De resto o meu afecto por si é grande em demasia para eu não esquecer tudo isto. Mas, por amor de Deus, em nome justamente desse afecto — dê-me notícias suas (se possível por telégrafo) logo que receber esta carta. Imploro-lhe² como um dever. Ofender-me-ia muito se continuasse sem me dar notícias suas. Imploro-lhe!...

¹ A existência desta carta era referida noutra carta a Fernando Pessoa, de 5 de Setembro de 1914: «Nela fala-me você provavelmente da minha poesia TACITURNO que lhe enviei de Paris, aí por 17 ou 18 de Agosto» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 16)

² No manuscrito vem: «Impo-lhe».

Vai juntamente uma poesia que ontem concluí «Taciturno»³ (numa acepção paralela à dos «nocturnos» em música ou poesia). Diga-me a sua impressão — e o que é preferível: se manter o verso

Veladas d'armas ainda em arraiais d'olvido

um tanto incorrecto quanto a metrificação pois é preciso contar o *ainda* como 2 sílabas — ou trocá-lo por este, certo

Manhãs d'armas ainda em arraiais d'olvido

De resto o 1.º soa-me bem e acho-o talvez mais belo. Mas você dirá!

É muito possível, mesmo certa, a minha próxima partida para Lisboa! Escrevo ao mesmo tempo a pedir dinheiro para o meu regresso imediato — e, para Lourenço Marques, ao meu Pai, pedindo-lhe para ir para o pé dele. Vê, as minhas resoluções... Estou muito triste, muito triste! Tenha dó de mim! Dê-me notícias suas com a maior urgência. E recebe⁴ mil abraços, mil saudades do seu, muito seu

Mário de Sá-Carneiro

Em todo o caso não conto chegar a Lisboa antes dos primeiros dias de Setembro.

Dê-me notícias suas!...

Enviei-lhe um telegrama no dia 15.

³ Esta poesia não está junto desta carta no espólio de Pessoa. Veja-se o que deixei dito, em *Cartas de Mário de Sá-Carneiro*... p. 142, depois de transcrever um manuscrito com a referida poesia.

⁴ *Sic.*

Paris ¹ — Agosto 1914

Dia 20

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o seu mandado telegráfico que muito agradeço. Assim peço-lhe desculpa da minha última carta — pois que a demora na recepção foi apenas devida aos serviços postais desorganizados — e por forma alguma a descuidos da sua parte. Afinal — você sabe bem como as minhas decisões ondulam — mandei hoje um telegrama a dizer que ficava anulada a carta em que pedia dinheiro para me ir embora. Fico portanto em Paris até nova ordem... Sou maluco — não sou? De resto, nenhuma novidade. Isto duma insipidez infame ²; uma vida chata, provinciana (ó pasmo) bem pior do que a de Lisboa. Paris da província — e não Paris da guerra como eu escrevia outrora... Ao mesmo tempo o meu pai, de Lourenço Marques, escreve-me que as ruas lá são asfaltadas...

Agora uma coisa da maior importância — porque é que você se reduziu de súbito a um silêncio sepulcral? Desde o fim de Julho que não me escreve — e estamos a 20 de Agosto!

Francamente não percebo!...

¹ Carta escrita em papel de «La Régence/Café Restaurant/Place du Théâtre Français/161-163, Rue Saint-Honoré/Téléphone/Paris, Province, Etranger/Central 39-58».

² Sic.

Literatura — Mande-i-lhe há três dias uns versos: «Taci-
turno». Recebeu? Esqueceu-me então de juntar esta sextilha sem
importância que tinha feito antes:

Sugestão

As companheiras que não tive
Sinto-as chorar por mim, veladas,
Ao pôr do sol, pelos jardins...
Na sua máguia azul revive
A minha dôr de mãos finadas
Sobre setins...³

Paris — Agosto de 1914

A «Grande Sombra»⁴ que esteve interrompida durante duas
semanas — recomecei antes de ontem trabalhando-a. Tenho-a apu-
rada até ao «Domínio do Mistério» inclusivamente. Assim conto-a
ter pronta por meados de Setembro — se não interromper mais o
meu trabalho como espero. Meu Amigo suplico-lhe de novo que

³ «Sugestão» foi publicado no *Orpheu*, n.º 1, 1915, e, depois, nos
Indícios de Ouro, 1937. Poucos dias depois de ter enviado este texto
a Pessoa, tê-lo-á enviado também a Alfredo Guisado (v. *Cartas de*
Mário de Sá-Carneiro..., pp. 139-140). Em *Poesias* a versão é pratica-
mente a mesma da presente carta, excepto no final do primeiro verso,
que aparece com uma vírgula.

⁴ «A Grande Sombra» é a primeira, novela de *Céu em Fogo*.
Veja-se a nota 73 de *Cartas de Mário...*, p. 124, e adiante o n.º 59.

volte às suas admiráveis cartas cuja falta eu tenho sentido neste ambiente desolado, numa agonia de desamparo. Diga-me recebeu⁵ uma carta onde eu lhe explanava um conto «Elegia» (antigo «Triste Amor»)? Adeus. Novos agradecimentos pela sua ilimitada gentileza e mil, mil abraços.

O seu

Mário de Sá-Carneiro

Saudades do C. Franco

Paris ¹ — Agosto 1914

Dia 24

Meu Querido Amigo,

— Uma resolução súbita, nascida esta manhã às 6 horas — e logo posta em prática: parto para Barcelona!... Não posso com efeito aguentar o ambiente de Paris — o que não posso em verdade é aguentar-me! E daí um desejo — um rubro desejo de fazer qualquer coisa... Sucede que ontem, sem esperar, sem saber para quê, sem saber de quem, recebo um vale telegráfico de 500 francos expedido pelo sr. Santos Viana (ni vu, ni connu!...). É claro que isto é dinheiro seguramente enviado pelo meu pai por intermédio de alguém ²... E amanhã parto para Barcelona... É claro que não sei mais nada... Vou telegrafar ao meu pai que fico lá enquanto a guerra durar. Mas não sei... Sobretudo horroriza-me voltar a Lisboa... E daí não propriamente... Mas parto amanhã para Barcelona... Vamos a ver quanto tempo lá me demoro... Você escreva já, na volta do correio para a posta restante se antes disso eu não lhe telegrafar o meu endereço. A «Grande Sombra» vai caminhando apesar de tudo isto, ainda que vagarosamente. Será lindo e Europeu se a sua «data» for esta:

Lisboa — Paris — Barcelona

Abril a Setembro de 1914 ³

¹ Carta escrita em papel do «Café Riche/Boulevard des Italiens, 16/Paris (9°)/Téléphone/2 Lignes/Gutenberg 68-32/Central 86-29». Referida por Dieter Woll, que a utilizou, em *Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro*, p. 33, nota 62.

² No manuscrito: «dalguém».

³ Em *Céu em Fogo* apareceu datada de «Lisboa e Paris, Abril-Setembro 1914».

(Postal)¹

Últimos ecos de Paris!... Parto às 19,40 Barcelona. Recebi ontem sua carta 20, meu querido Amigo. Responderei Barcelona! Escreva-me imediatamente!... O seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

Último Paris

Agosto 1914

Dia 25

Lisboa — Paris — Barcelona

Abril a Setembro de 1914²

¹ Referido por Dieter Woll, em *Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro*, p. 33, nota 62. O começo deste postal é idêntico ao de outro de alguns dias depois (7 de Setembro): «Últimos ecos de Barcelona!» (V. *Cartas*, II, p. 18).

Toulouse — Agosto de 1914

Dia 26

Resvalo Europa! Cheguei às 10 — partirei fronteira espanhola 12,45, meu querido Amigo!... Viagem regular. Guerra marcada num coronel ferido Bélgica viajando meu compartimento. Mostrou-se muito pessimista. Admirável organização alemã de combate. O seu regimento ¹ aniquilado! A manutenção das tropas francesas, bem ao princípio ² — mas agora desorganizada. Mais de 48 horas sem comer. Admite a possibilidade dos alemães chegarem a Paris. Não será pessimismo demais — sobretudo admiro-me que um coronel (da activa, demais a mais) diga isto quando o estado maior recomenda o maior sigilo sobre as operações. Este coronel citou lugares, generais etc. etc. — e a um estrangeiro, entre outros!... Enfim: coronel lepidóptero ³. Se calhar qualquer dia apareço em Lisboa. Em mim as grandes resoluções são sempre assim. Veremos. Mil saudades e abraços d'alma do seu

M. de Sá-Carneiro

(viajante ensonado, mau ⁴ com dores de cabeça)

¹ No manuscrito: «regismento».

² No manuscrito: «príncio».

³ No manuscrito: «lepidopetro». Sá-Carneiro falaria neste coronel na entrevista que concedeu a *A Restauração*, de 5 de Outubro de 1914 (v. *Cartas*, II, pp. 191-192).

⁴ No manuscrito, palavra de leitura duvidosa, por causa de uma emenda inicial e do aparente cruzamento de «mau» com «mal» («maul», ou «mau e», «mau,»).

Escreva até nova ordem Barcelona — posta restante. Mas escreva o mais breve possível.

Saudades a amigos.

O Franco desapareceu há 3 dias. Ignoro o que foi feito dele. Diga ao Pacheco. Santa-Rita parte muito breve Lisboa, Porto Coimbra Serra da Estrela!...

M. de Sá-Carvalho

(visante emsonado, mau * com doze hs cabeça)

No manuscrito: "regimentos".
No manuscrito: "epitafios".
No manuscrito: "epitafios". Sá-Carvalho falava neste coro-
nel na entrevista que concedeu a A. R. de Oliveira, de 5 de Outubro de
1914 (Revista, II, pp. 121-122).
No manuscrito: "galaxias de letras dadas".
No manuscrito: "galaxias de letras dadas".
(manus. ou manus ex, manus).

(Postal)

26 Agosto 1914 — Toulouse

Ainda um postal de Toulouse após ter visto desfilar centenas de soldados feridos. E muitos abraços o

(Postal) ¹

Sá-Carneiro

¹ Ilustrado (vista do «Canal du Midi» de Toulouse); o selo não tem carimbo dos correios, mas foi inutilizado (riscado).

Perpignan

27 Agosto 1914

No compartimento ao lado do meu, sempre de barretinho de penhorista — descobri agora que faz viagem Mestre Guerra Junqueiro.

O seu

Sá-Carneiro

¹ Ilustrado (vista da Place Arago, Perpignan). Referido por Mário de Sá-Carneiro na carta para Pessoa de 5 de Setembro de 1914: «recebeu um postal meu de Perpignan em que lhe anunciava a descoberta do Guerra Junqueiro no compartimento ao lado do meu?...» (*Cartas*, II, p. 16). Guerra Junqueiro foi de 1911 a 1914 ministro de Portugal em Berna.

(Postal)¹

Aqui vai a catedral-paul!

O

M. de Sá-Carneiro

Barcelona

6-9º-1914

¹ Ilustrado (vista da «catedral-paul» a que alude o texto, isto é, a catedral, então em construção, da Sagrada Família, obra famosa de Antoni Gaudi). O postal é dirigido

«Al Señor

Don Fernando Pessoa».

(Postal)

(Postal)

Perpignan Outra vista da catedral paul.
27 Agosto 1914

No compartimento ao lado do meu, sempre do barretinho de
pois de 2-28 de Meri agora que faz viagem Mestre Gu Sá-Carneiro
queiro.

7 Setembro 1914

Barcelona
Sá-Carneiro

Outra vista da Plaza Arago, Perpignan. Referido por
este e ainda que a catedral paul. 1914
A catedral paul. 1914
coberta do Mestre Joaquim de 1911 a 1914 ministro de
(Cartas II e III) e Joaquim de 1911 a 1914 ministro de
Ferreira 1. Ilustrado. Cfr. nota do n.º 48.

(Postal)

(Telegrama) ¹

arriverai mercredi ² train quatorze 45 secret — Carneiro

Portanto como hoje você não apareceu — na segunda-feira
espere o mesmo local. Por outro aspecto, você não se apresenta
se não aí eu não aparecer você pode se apresentar. Mas espere-me
até às 6 horas.
O seu
Mário de Sá Carneiro
Do Sá Carneiro — em 12 Setembro 1914 — recebi hoje sua
carta 28 Paris

+ + +

O seu

Mário de Sá Carneiro

O texto deste postal, bem como o do postal de 14 de Setembro de 1914 e do postal (ou cartas, ou bilhete) de 24 de Outubro de 1914, é o que consta de uma cópia dactilografada que encontrei no

¹ O carimbo dos correios de Lisboa indica a data de 7 de Setembro de 1914. O telegrama também indica «Barcelona 83 14 7 12/45».

² Como se deduz de um postal do mesmo dia (*Cartas*, II, p. 18), Sá-Carneiro partiu de Barcelona no dia 8 de Setembro.

(original)

(Postal) ¹

Meu querido Amigo

Portanto como hoje você não apareceu — na segunda-feira espero-o no mesmo local. Por outra espere-me você até às 6 horas se até aí eu não aparecer você pode-se ir embora. Mas espere-me até às 6 horas.

O seu

7 Setembro 1914

Mário de Sá-Carneiro

Do Sá-Carneiro — em 12 Setembro 1914 — recebi hoje sua carta 28 Paris ²

¹ O texto deste postal, bem como o do postal de 14 de Setembro de 1914 e do postal (ou carta, ou bilhete) de 24 de Outubro de 1914, é o que consta de uma cópia dactilografada que encontrei no espólio de Fernando Pessoa — onde não encontrei o original.

² Na cópia referida na nota anterior diz-se que as palavras que vêm depois da assinatura foram escritas «na frente do postal»; Sá-Carneiro referia-se decerto a uma carta que Pessoa lhe escrevera em 28 (de Agosto) para Paris.

(Postal) ¹

Lisboa, Setembro 1914
Dia 14

Você sempre está muito lepidóptero! Bem eu já não sei se
você receberá este postal amanhã!

Esperei-o em vão no Café da Arcada.

Amanhã passo por lá às 5 ½ e às 6.

Mas não me assento! Se não o encontrar venho-me embora.

Amanhã
terça-feira

! ²

÷ ÷ ÷

O seu

Mário de Sá-Carneiro

¹ Veja-se a nota 1 do postal anterior.

² Esta exclamação e o que segue figuravam, diz a cópia dacti-
lografada, «na frente do postal».

(Postal)

Não são Roxos — são Borrechos
— e o Valério é Francisco ¹

O seu

Mário de Sá-Carneiro

Camarate — Quinta da Vitória ²

Outubro 1914

Dia 7

¹ A explicação deste postal dá-no-la a carta que Sá-Carneiro enviara a Pessoa no dia anterior, e na qual escrevera, a propósito do actor Valério de Rajauto: «Soube outro dia algumas coisas sobre o Valério por pessoa que o conhece muito bem e à família: o pai vende sementes, são Roxos— e o Valério batia na irmã para ela lhe dar dinheiro. É ela mesmo quem quase sempre o tem sustentado e à mulher. Houve tempo em que o Valério dormia nas arcadas do Terreiro do Paço... Em todo o caso é isto mesmo que faz curiosa a sua personalidade.» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 19-20).

² Regressando de Barcelona, em tempo de Verão, Sá-Carneiro instala-se na sua Quinta, mas não deixa de se deslocar a Lisboa para se encontrar com os amigos— e para outros efeitos como inclusivamente cortar o cabelo (cfr. *Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 20).

(Postal)¹
 Camarate — Quinta da Vitória
 Outubro de 1914
 Dia 18

(Do Mário de Sá-Carneiro)

Meu querido amigo, recebi ontem o seu postal. Você diz sábado-segunda Alhandra. Provavelmente virá, na segunda, de manhã, com o Vitoriano, para o trabalho. Não sei. Em todo o caso amanhã lá estarei no Martinho entre as 3 e as 3 1/2. Surja! Se lhe for possível — claro. O seu, muito seu

Sem falta!

Mário de Sá-Carneiro

Se não chover²

¹ Há uma carta para Pessoa, datada de 17 de Outubro de 1914 e da Quinta da Vitória, a propor o mesmo encontro no café Martinho (*Cartas*, II, p. 22).

² Acrestado ao cimo, no canto direito, a lápis.

1º O Fernando Pessoa — você, por amor de Deus, não esteja zangado com o Sá-Carneiro por ele ter saído da Brasileira com o Côrtes-Rodrigues. Ele há que tempos estava para sair. Lembra-se?... Bem. Então perdoe-lhe, sim, coitado!

Adeus! Um grande abraço!...

Eu-próprio eu-mesmo

Mário de Sá-Carneiro

24-10-1914

Mário de Sá-Carneiro

Se não chover

A explicação postal a não-foi dada a Pessoa no dia anterior, e na qual se refere a proposta de Valério de Rajato: «Soube entre as algumas coisas sobre o Valério por pessoa que o conheço muito bem e a família: o pai vendeu amentes, são Roxos — e o Valério batia na irmã para ele dar dinheiro. E ele mesmo quem quase sempre tem sustentado a mulher. Houve tempo em que o Valério dormia nas armadas do Terreiro do Paço. Em todo o caso é isto mesmo que faz muito a sua personalidade» (Cartas a Fernando Pessoa, II, pp. 19-20).

Regressando de Barcelona em agosto de 1914, há uma carta para Pessoa, datada de 12 de Outubro de 1914 e da Quinta da Vilhota, a propor o mesmo encontro no café Martinho (Cartas II, p. 23).

1 Veja-se a nota 1 do postal de 12 de Setembro de 1914 (n.º 51).

Camarate — Quinta da Vitória

Outubro de 1914

Dia 28¹

Rogava-lhe muito, meu querido Amigo, que aparecesse amanhã quinta-feira 29 no Martinho pelas 4 1/2 da tarde. Em ponto. «Asas» e três poesias² um tanto lepidópteras³. O seu, muito seu

Mário de Sá-Carneiro

Sem falta!

¹ Sá-Carneiro enviou a José Pacheco um postal com esta mesma data e com o mesmo pedido e para a mesma finalidade — a leitura de textos. (V. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, p. 87).

² «Asas» é uma das novelas de *Céu em Fogo*. As poesias deviam ser «O resgate», «Vislumbre» e «Bárbaro», todas compostas em Camarate, e em Outubro de 1914.

³ No manuscrito: «lepidopeteras».

(Telegrama)¹Confirmada carta² sábado 5 horas Martinho³

Sá-Carneiro

¹ O carimbo dos correios de Lisboa indica a data 30 de Outubro de 1914.

² Certamente a carta do dia anterior, 29 de Outubro, em que Sá-Carneiro dizia a Pessoa que o esperaria no Martinho (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 24).

³ O encontro ter-se-á frustrado; Pessoa não compareceu, como se deduz de uma carta do mesmo sábado: «Recebido ontem o recado pelo Pacheco — telegrafei-lhe! Você nada!...» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 24).

Augusto
 de
 Santa
 Rita
 e
 Fernão
 Pessoa
 Você
 faz
 tudo
 sozinho

(Postal) ¹

Lisboa — Novembro 1914

Dia 18

[Leitura «linear» do texto da página anterior:]

Meu querido Fernando Pessoa

O Augusto de Santa-Rita falou-me hoje que tinha falado a Você a pedir-lhe os pederastismos do Apollinaire na *Semaine de Paris* ². Mas isso é consigo envie-lhe o número se quiser um entrelaçado abraço do seu

Sá-Carneiro

¹ Este postal foi endereçado para o «Ex.mo Senhor Fernando Pessoa

no escritório Lavado, Pinto & C.^a
ao Campo das Cebolas, 43
em Lisboa».

Não é o único postal caligramático que Sá-Carneiro, falando de Apollinaire, se lembrou de enviar a Pessoa. Em *Cartas a Fernando Pessoa* (II, p. 27) vem reproduzido outro, escrito «no Martinho», certamente cerca de 15 dias depois do que aqui se publica, e enviado com a carta de 2 de Dezembro.

² Sá-Carneiro refere-se certamente a ideogramas de Apollinaire. Mas equivoca-se ao referir a *Semaine de Paris*; tratava-se antes de *Les Soirées de Paris* em cujo número 26-27, de Julho-Agosto de 1914, o grande poeta publicou os famosos «ideogramas líricos» de *Calligrammes*: «Voyage», «Paysage animé» [Paysage], «La cravate et la montre», «Coeur couronne et miroir».

Estou hoje¹ em Lisboa, meu querido amigo — e tenho a «Grande Sombra» concluída. Ser-lhe-á possível estar no Martinho entre as 2 1/2 e as 3 horas? Teria um grande prazer em o ver. Sem mais, o seu muito amigo

Mário de Sá-Carneiro

Martinho — ele próprio: o grande; do Largo Camões.....

Mário de Sá-Carneiro

¹ Embora não datada, esta carta ou bilhete não postal é certamente datável de fins de 1914, talvez de Setembro. Porque se «A Grande Sombra» fora terminada «em rascunho» em 17 de Julho de 1914 (cf. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, p. 124, nota 73), só a partir de então, e decerto enquanto o autor veraneava na Quinta da Vitória, que Dieter Woll considerou «retratada» naquela novela de *Céu em Fogo*, poderia ter sido trabalhada. Por outro lado, sabemos que em 4 de Fevereiro de 1915 já estava em provas (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 28).

Peço-lhe a tradução, meu querido Amigo, tão breve quanto os seus negócios e códigos lho permitirem das coupures juntas. Mera tradução avulso — só para eu saber que dizem tais notícias. Desculpe-me, por amor de Deus, a maçada¹. A resposta sobrescreite-a para 78 Praça dos Restauradores. Adeus. Não se esqueça — e de novo, mil perdões.

O seu, seu

Mário de Sá

Devolva por favor as coupures²

¹ No manuscrito: «massada».

² Embora não datada, esta carta enviada em sobrescrito do café Martinho (é impossível ler a data do carimbo dos correios), deve ser dos fins de 1914 (talvez de Outubro ou Novembro). Por um lado, ela deve relacionar-se com outra datada de 21 de Outubro, em que Sá-Carneiro solicitava a Pessoa a tradução de uma «coupure» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 22-23). Por outro, o endereço «78, Praça dos Restauradores», é dado, e como «provisório», em carta de 29 de Outubro (id., p. 24).

(Postal) ¹

Lisboa — Janeiro 1915

Dia 8

Raio, homem — você enjeitou-nos. Nem eu, nem Guisado, nem Pacheco... Em vão corro Brasileiras... Em vão telefono!... Ansiamos falar-lhe. *Contemporânea* ², *Céu em Fogo* ³ (no prelo!!!), e maravilhosos sonetos (do Guisado). ⁴ Amanhã noite procurá-lo-ei Guisado ⁵ que sei lhe enviar postal. Bem! Imenso a falar-lhe. Marchetado e Roxo. Adeus. E não falte ao Guisado. Imploro-lhe. Abraços.

O seu seu

Mário de Sá-Carneiro

¹ Quase todo transcrito por João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 3.^a ed., p. 225, com 2 ou 3 incorrecções ligeiras.

² O primeiro número de *Contemporânea* — a revista dirigida por José Pacheco, em que colaborariam Pessoa e Sá-Carneiro e de que saíam 13 números até 1926 — traz a data de Maio de 1922. Mas aqui Sá-Carneiro faz referência a um número-espécime aparecido em 1915.

³ *Céu em Fogo* acabou de se imprimir em 28 de Abril de 1915.

⁴ No manuscrito: «Gui.».

⁵ *Sic.* O lugar de encontro era talvez o famoso Restaurante Irmãos Unidos, que pertencia à família de Alfredo Guisado.

(Postal)

Lisboa — Janeiro 1915

Dia 19

Mas você desculpa, não é verdade?... Sabe, é que tenho amanhã provas ¹! Se lhe fosse possível aparecer à noite no Jansen ² (10 horas), ficava-lhe muito grato. Mas só se lhe for possível. Enfim... O Pacheco também estará, creio. E o programa ³? Então adeus até amanhã (20). Se não puder era favor avisar — ou pelo telefone, ou por mão própria no hotel (42 R. Assunção) Aliança-Hotel recomendando para me transmitirem o recado. O seu

Sá-Carneiro

¹ De *Céu em Fogo*.

² Cervejaria de Lisboa onde os modernistas se reuniam com frequência. Um postal do mesmo dia para José Pacheco fala do encontro presumível com Pessoa, sugere a presença do mesmo José Pacheco no encontro, e alude também às provas e ao «programa» (*Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, pp. 88-89).

³ Possivelmente tratava-se de um «programa» relacionado com o *Orpheu*. Sá-Carneiro em postal do dia anterior para José Pacheco falara de um encontro com Luís de Montalvor, que acabava de regressar do Brasil, e ficara de aparecer também no Jansen (id., p. 88).

(Postal)

(Postal)

Lisboa — Janeiro 1915

Dia 20

Bem. Muito obrigado. Possível que amanhã surja Jansen. O Pacheco estará certamente. Amanhã não tenho provas. As de hoje vi-as com o D. Tomás¹ que muito se lhe recomenda. Adeus. Agradecido o seu aviso.

O seu muito amigo e grato

M. de Sá-Carneiro

¹ D. Tomás de Almeida (1864-1932), homem político, crítico, dramaturgo e poeta, que deveria colaborar no n.º 3 do *Orpheu* com o texto «Olhos».

(Postal)

(Postal)

Lisboa — Janeiro 1915

Dia 29

Pedia-lhe muito meu querido Fernando Pessoa (e o Alfredo Guisado também muito lhe roga), para aparecer amanhã sábado à noite no restaurante dos Irmãos Unidos. Eu tinha muito que lhe falar. Pedia-lhe pois intensamente para que aparecesse sem falta. É claro, exceptuando o caso de ser pesado sacrifício. Por mim conto aparecer às 10 1/2. Até amanhã então, não é verdade? Um grande abraço do seu

M. de Sá-Carneiro¹

Sá-Carneiro

1 De *Os de um Fogo*.

2 Carteira de Lisboa onde os modernistas se reuniam com frequência. Um postal de mesmo dia para José Pacheco fala de encontro presumível com Pessoa, sugere a presença do mesmo José Pacheco no encontro, e alude também às provas e ao «programa» (*Cartas de Mário de Sá-Carneiro*..., pp. 82-83).

3 Possivelmente tratava-se de um «programa» relacionado com o *Gráfico*.

1 Ao lado da assinatura de Sá-Carneiro vem escrito em letra diferente, decerto de Alfredo Guisado: «Não se esqueça».

2 *Gráfico* de 1915, n.º 11, em referência ao «programa» de poesia (p. 83).

Al. Guisado»

(Postal)

(Postal)

9 Maio 1915

Deixe-me os versos do Ângelo¹ no hotel, o mais *tardar* *terça-feira*. (Amanhã seria o ideal). Não se esqueça! E até quarta-feira à noite, no Guisado!

SC²

Rogo-lhe muito que se não esqueça — sobretudo de copiar os versos do A. Lima. Não se esqueça! Um grande abraço. O seu

Sá-Carneiro

¹ Ângelo de Lima (1872-1921), poeta e pintor de rara estirpe, que colaborou com 8 poemas no número 2 de *Orpheu*.

² O que vem a seguir, bem como a data, consta da frente do postal.

(Postal)

Lisboa — Maio 1915

Dia 11

Meu querido Fernando Pessoa,

O Guisado badajozisa-se ¹ até quinta-feira. Assim rogo-lhe que esteja no Montanha você amanhã à noite aí por as 10 1/2. Sem falta! Até amanhã pois, meu caro Pessoa, no Montanha!

Grandes abraços do seu, seu

M. de Sá-Carneiro

¹ Badajozisar-se: ir a Badajoz (cidade de Espanha).

(omniglot)

(Postal)

Preciso amanhã sábado de você, meu querido Fernando Pessoa, à noite, no *Montanha*, às 10 1/2 — sem falta: visto haver provas. Sem mais o seu muito amigo

Sá-Carneiro

Sem mais — o seu muito amigo
Sexta-feira 21 Maio 1915

M. de Sá-Carneiro

(Postal)

(Telegrama)¹

Esteja Montanha hoje 10 horas provas
 Pessoa, a noite, no Montanha, às 10 1/2 — sem falar: visto háter
 provas. Sem mais o seu muito amigo
 Meu querido Fernando Pessoa

Sá-Carneiro

Quisado badajozisa-se até quinta-feira. Assim, rogo-lhe que
 esteja no Montanha você amanhã à noite aí por as 10 1/2. Sem
 falta! Até amanhã pois, meu caro Pessoa, no Montanha!
 Grandes abraços do seu, seu

Sexta-feira 21 Maio 1914

M. de Sá-Carneiro

¹ Badajozisar-se: ir a Badajoz (cidade de Espanha).

¹ O carimbo dos correios indica a data 24 de Maio de 1914.

(Postal)

Lisboa — Junho 1915

Dia 2

Pedia-lhe, meu querido Fernando Pessoa, muito intensamente
o favor de amanhã entre as 6 e as 7 1/2

no «*Martinho*»

(o mais cedo que puder dentro destas horas)

APARECER

Sem mais — o seu muito amigo

M. de Sá-Carneiro

(Postal)

Lisboa — Junho 1915

Dia 13

— Olhe lá ó Fernando Pessoa você amanhã vai ao Jansen por causa da mascarada às 9 1/2 — pois não vai? É que o poeta Guisado contou-me que você ficou de ir lá amanhã a casa dele. Lapso? Eu vou à lérica. Veja se você vai também — pela sua companhia. Ao menos! E adeus. Um grande abraço do seu

Mário de Sá-Carneiro

(Postal)

Lisboa — Junho 1915

Dia 13

Escrevi-lhe hoje à tarde meu querido Fernando Pessoa e tor-
no-o a fazer a informá-lo de que a mim me é afinal completamente
impossível ir amanhã à noite ao Jansen. Você faça o que quiser.
Mas é melhor ir por causa do Pacheco. Peço-lhe mesmo que vá e
até que «me represente»... Adeus. Um grande abraço do seu

M. de Sá-Carneiro

Deixo-lhe provas¹ à tarde no Guisado

¹ Do número 2 de *Orpheu*, que seria publicado no fim de Junho
ou início de Julho.

¹ Esperei-o, meu querido Pessoa até às 6. Segunda espere-me você até às 6. Se até a essa hora não aparecesse já não vinha. Mas espere-me. O seu

Sá-Carneiro

¹ Embora não datado, este bilhete não postal, entregue em sobrescrito timbrado do café da Arcada, deve ser do início de 1915.

Meu caro Pessoa¹

Sabe? Já estou instalado em minha casa.

Se lhe fosse possível dar lá uma saltada esta tarde? (Eu só saio às 4 1/2).

Era para lhe dar o artigo ungido. Você crê?... ..

Adeus.

Então, se lhe for possível?

O

Sá-Carneiro

¹ Esta carta não postal e não datada, entregue em sobrescrito timbrado da Tipografia do Comércio (10, Rua da Oliveira, ao Carmo), que editou o *Orpheu*, deve ter sido escrita nos tempos de preparação desta revista, possivelmente quando Sá-Carneiro terá deixado o Aliança-Hotel—onde ainda estava em 12 de Março—para, como diz, ir instalar-se em sua casa.



Ex.º Senhor

Fernando Pessoa

H 'I' . . . X. 14-YV 321 b--Θ w

(do M. de Sá-Carneiro)

Provas

Você, meu querido Pessoa deixar-me-á estas provas¹ amanhã no Martinho logo que possa, de manhã — a não ser que lhe seja impossível. Olhe, quando vai para o escritório². Ou então — seria óptimo — entre a 1 e as 2 1/2 — horas a que lá estarei. Gostava muito. Adeus o

M. de Sá-Carneiro

Saudades ao Guisado = ao Alfredo

¹ De *Céu em Fogo*, ou então do *Orpheu*. Por isso, esta carta ou bilhete não postal, entregue em sobrescrito branco, deve ser datável de Fevereiro, Março ou Abril de 1915, ou, mais provavelmente, de Maio ou Junho do mesmo ano.

² Certamente o escritório A. Xavier Pinto & C.^a

(Postal) ¹

Mil Saudades em Aço e Volantes.
O seu, muito seu

M. de Sá-Carneiro

13 Julho 1915 S.S. ²

¹ Ilustrado (S. Sebastián: «Llegada del Trasmordador de Ulla a la Estación»).

Endereçado

«Al Señor Don Alvaro
de Campos — engenheiro
ao cuidado do Sr. F. Pessoa
escritório A. Xavier Pinto & C.ª»

² Por questões graves da sua «vida particular», Sá-Carneiro saíra, no dia 11 de Julho, precipitada e secretamente de Lisboa (só Pessoa deve ter sabido da sua partida), com destino a Paris. A caminho de Paris, pára em San Sebastián para resolver problemas relacionados com o seu passaporte. Seguirá, logo a 14, para a capital francesa, onde chegará a 15. Entretanto escreve a Pessoa (3 postais e uma carta!) e a amigos (Pacheco, Almada, Montalvor, E. Viana).

(Postal) ¹

Funiculares,
as minhas ânsias
de ascensão!...

(à maneira de A. de Campos)

Saudades, mil.
O seu

Sá-Carneiro

S.S. 13 Julho 1915

Saudades, mil.
O seu

Sá-Carneiro

«Al Señor Don Alvaro
de Campos—ingeniero
no cuidado do Sr. F. Pessoa
escritório A. Xavier Pinto & C.»

¹ Ilustrado (San Sebastián: «Monte Igueldo—El cruce del funicular») e endereçado, como o anterior, «Al Señor Don Alvaro de Campos Ingeniero ao cuidado do Ex.º Sr. Fernando Pessoa»

(Postal)¹

Mil grandes abraços do seu

Sá-Carneiro

S.S. 13 Julho 1915

Mário de Sá-Carneiro

¹ Ilustrado (San Sebastián: «Vista general de la Playa de la Concha»).

Endereçado «Al Señor D. Fernando Pessoa».

(Postal)

(Postal)

Paris Julho 1915 ¹

De Paris que está soberbo lhe mando por consequência mil saudades, meu caro Fernando Pessoa. Olhe, agora não tenho tempo para mais. Mas você escreva! Homem, escreva já! Adeus. Um grande abraço. O seu, muito seu

Mário de Sá-Carneiro

¹ O carimbo dos correios de Paris indica a data 18 de Julho de 1915. Sá-Carneiro escrevera a 16 cartas a Pessoa e a José Pacheco, assim como escreveu uma carta a Pessoa no dia 17, mas não dá o seu endereço a ninguém, «por um escrúpulo de consciência e uma superstição», antes de o seu pai responder a uma carta que lhe enviou a 15 (cfr. *Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 34; e *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, p. 92).

(Postal)

Paris — Julho 1915
Dia 22

Sempre bem, meu querido Amigo. Breve lhe escreverei uma grande carta — não o fazendo antes de receber notícias suas o que calculo aconteça segunda ou terça-feira próximas. Escrevi hoje ao Augusto¹ um postal rogando-lhe que não se esquecesse de vender os Céus em Fogo até ao fim do mês: isto é: o mais depressa possível. Rogo que passe na livraria e fale com ele a este respeito.² É assunto da maior importância para mim que recomendo à sua amizade. Na minha carta lhe direi como me hão-de enviar o dinheiro. O importante é realizar o dinheiro quanto antes — para mo enviarem logo que eu o diga. Peço-lhe para comunicar isto ao Augusto — juntando reserva sobre a transacção e sobre, enfim, tudo quanto eu a você ou a ele diga daqui. Estou ansioso pelas suas notícias. Informe-me do *Orpheu* e da venda do mesmo. Adeus até breve. *Não se esqueça de mim.* Conto consigo. Um grande abraço de toda a alma. O seu muito seu

Mário de Sá-Carneiro

¹ Empregado da Livraria Brasileira — de Monteiro & C.^a (190 e 192, Rua do Ouro), depositária do *Orpheu* e também editora.

² Sá-Carneiro escrevera e escreveria outros postais e cartas a Pessoa a falar no mesmo assunto. Pela primeira vez na vida começara a ter graves dificuldades económicas, que também contribuiriam para o levar ao suicídio, menos de um ano depois.

(Postal)

Paris — Julho 1915

Dia 27

Meu Querido Amigo,

Venho mais uma vez chamar-lhe a atenção para a importância da minha carta de ontem¹ — suplicando-lhe assim que não deixe de fazer o que nela lhe rogo: ir à livraria e fazer com que me telegrafem se posso contar com o dinheiro da venda do *Céu em Fogo* até 12 Agosto *impreterivelmente*. Suplico-lhe também que não me deixe de escrever uma grande carta à sua maneira antiga falando do *Orpheu* etc. Diga-me, não se esqueça, se sabe alguma coisa duma próxima vinda do José Pacheco² até aqui. Sem mais renovando todas as minhas súplicas e agradecimentos, o seu

Mário de Sá-Carneiro

¹ Cfr. *Cartas*, II, pp. 40-42.

² José Pacheco, que vivera alguns anos (1909-1913) em Paris, onde estudara arquitectura e onde deve ter conhecido Sá-Carneiro, de quem ficou grande amigo, voltou à capital francesa no Verão de 1914, mas com pouca demora «por causa da falta de dinheiro». Desta vez, a viagem de José Pacheco não se concretizaria, como se lerá no postal de 11 de Agosto.

Paris — Julho de 1915
Dia 28

Meu Querido Amigo,

Voltei hoje ao bureau dos Italianos¹ — e nenhuma carta sua. Admira-me muito, muito — embora o desarranjo dos correios. Fico inquieto. Meu querido Fernando Pessoa — por amor de Deus não se «disperse» — e não deixe de me responder *imediatamente* — mesmo que lhe seja *impossível!* — à minha carta de antes de ontem quanto ao telegrama sobre os negócios da livraria. Juro-lhe que se trata duma coisa de importância capital para mim. *Entrego-me nas suas mãos.* Por princípio nenhum me deixem de telegrafar — sobre se podem enviar o dinheiro dos Céus em Fogo de modo que eu o receba a 12 Agosto o mais tardar. Conto consigo! E repito-lhe: *entrego-me nas suas mãos.* Não me falte — em nome da sua amizade! Um grande abraço. O seu muito seu

M. de Sá-Carneiro

Tenha dó de mim — **ESCREVA!** Escreva imediatamente se ainda o não fez! O seu silêncio será a minha maior inquietação!

¹ Como não queria indicar o endereço pessoal a ninguém, Sá-Carneiro indicara a Pessoa (carta de 16 de Julho de 1915 — v. *Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 35) a posta restante do Bureau n.º 8 no Boulevard des Italiens.

(Postal)

(Postal)

Paris 29 Julho 1915

Perdoe meu Querido Amigo mas ainda uma vez lhe suplico em nome da sua amizade que não esqueça o que lhe pedi — e me escreva uma grande carta! ¹ Adeus. Um abraço d'Alma e Ouro.

O seu

Mário de Sá-Carneiro

M. de Sá-Carneiro

¹ Como a resposta de Fernando Pessoa não chegava, Sá-Carneiro dirigiria, no dia 2 de Agosto, cartas a Vitoriano Braga e á firma A. Xavier Pinto & C.^a, para que, no primeiro caso, interferisse no sentido de resolver os seus problemas, e no segundo garantisse a comunicação com Pessoa, a quem também escreveu nessa data.

Paris — Agosto 1915

Dia 8

Meu Querido Amigo

Recebi o seu postal de 3 que muito do coração agradeço. Você fez muito bem em dar ordem para serem entregues os Orfeus ao Santa-Rita. E profundamente lhe agradeço o cuidado com o telegrama que foi devido à sua insistência com o Augusto. Vê — que injusto fui para consigo! De novo, confundidamente, lhe suplico perdão!

Escreva sempre. Ontem mandei-lhe uma grande carta.¹ Adeus. Mil saudades.

O seu muito dedicado

Mário de Sá-Carneiro

¹ Publicada em *Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 47-52. É a carta em que diz coisas como estas: «Só a sua companhia me faz falta»; «Gosto tanto de si!».

Paris — Agosto 1915

Dia 11

Meu querido Amigo,

Recebi hoje o cheque de francos 60 enviado pela livraria. Propriamente a carta chegou ontem — mas só hoje a recebi, não tendo estado em casa da primeira vez para a assinar. Vá lá entender o correio: uma carta de 7, a 10: como pelo Sud-express. Outras: uma semana! Bolas! Uma informação interessante: O Pacheco escreveu-me em carta recebida hoje que os Delaunay¹ (o casal do simul-tanismo e orfismo: derivações cubistas) está em Portugal e mai-lum pintor americano Samuel Halpert² que eu não sei quem seja. Agora que andam pelo Norte com o Viana³ — e que no Inverno querem

¹ Sónia (1885-1979) e Robert (1885-1941) Delaunay (Sá-Carneiro escreve: «Delaunay»), para fugirem à guerra, fixaram-se, nos anos de 1915 e 1916, em Vila do Conde, e relacionaram-se estreitamente com alguns pintores modernistas portugueses, como Amadeo, Eduardo Viana, Almada Negreiros e José Pacheco, que terá dado a notícia da sua chegada a Sá-Carneiro (que lhe escreve no mesmo dia 11 uma carta a falar neles). V. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro...*, p. 93 e p. 129.

² Ou Sam Halpert (Sá-Carneiro escreveu: «Alpert» e Gaspar Simões, que citou uma passagem deste postal, leu «Albert» — *Vida e Obra...*, 3.ª ed., p. 246), pintor pouco conhecido, viveu em Vila do Conde em casa dos Delaunay.

³ Eduardo Viana (1881-1967), um dos pintores que introduziu o modernismo em Portugal, e que conviveu em Paris com Sá-Carneiro, de quem foi muito amigo.

aí fazer um festival em que o nosso *Orpheu* terá parte. É a gente a explorar para a propaganda da revista no estrangeiro — pois valham o que valerem são gente aqui lançada. A *Comoedia*⁴ publicou muitos artigos sobre eles: marido e mulher. Mas que raio irão fazer em Portugal com tanta demora? *Escreva*. Mil abraços.

O Pacheco não vem a Paris. **ESCREVA!**

A amigos etc. pode dar o endereço. Diga na livraria que recebi o cheque.⁵

⁴ Diário cultural parisiense que Sá-Carneiro lia desde os tempos do liceu, e para o qual enviara uma carta já em 1910, carta que foi publicada em 6 de Julho, e que era também assinada por Tomás Cabreira Júnior.

⁵ Certamente por falta de espaço, o postal não tem a usual assinatura.

Paris, este sábado 21 de Agosto do ano de N.S.J.C. 1915

Meu Querido Fernando Pessoa, desde segunda-feira última que espero a carta anunciada no seu postal de 11 que nesse dia recebi. Mas trabalhou a dispersão e... «fundo silêncio respondeu às trovas» — «extinguiram-se os ecos do salão» (1). Assim lhe venho escrever este postal para lhe dizer três coisas que encerram dois pedidos:

a) No seu postal você pergunta-me se eu recebi a sua carta de 29 (Julho) e postal de 2 Agosto. A carta não a recebi. De resto a esse tempo você não sabia o meu endereço... E já me disse que não escrevera para o bureau por ser muito complicado. Logo — não percebo. O seu postal devo tê-lo recebido. Mas neste momento, não sei ao certo.

b) Diga na Livraria para enviarem o n.º 2 do *Orpheu* ao Franco, sem selo: em cima escreve-se «Correspondance militaire». Novo endereço do Franco que está bem: 2. ème Régiment Etranger, 2. ème R. de Marche, Bataillon G, 3. ème Section, 4. ème Compagnie, Secteur postal n.º 109 — France¹.

¹ Em carta do dia seguinte, Sá-Carneiro envia a Pessoa o «endereço completo» de Carlos Franco (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 61).

c) *Escreva-me por amor de Deus* na volta do correio. 88

Mil saudades e um grande abraço de toda a alma.

O seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

(1) — Tomás Ribeiro, *D. Jaime*².

Recebi já dinheiro de Lourenço Marques.

Teria você recebido as «Sete Canções de Declínio»?³

ESCREVA!

² Sá-Carneiro citou certamente de memória; o que se lê em *D. Jaime* — depois que Germano «Canta» as trovas «Flores d'alma» — é textualmente: «E tão completo silêncio/reinou em todo o salão»... (*D. Jaime*, Lisboa, 1862, p. 42); ou, noutro contexto: «guardou segredo o salão» (p. 85).

³ Enviadas em carta de 7 de Agosto (v. *Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 49 e p. 55).

M. de Sá-Carneiro

Paris 6 Setembro 1915

*Serradura**A minha vida sentou-se**E não há quem a levante,**Que desde o Poente ao Levante**A minha vida fartou-se.**E ei-la, a mônia, la está**Estendida — a perna traçada —**No infindável sofá**Da minha alma estofada.**Pois é assim: a minh'Alma**Outrora a sonhar de Russias,**Espapassou-se de calma**E hoje sonha só pelúcias...**Vai aos Cafés, pede um boc,**Lê o «Matin» de castigo —**E não ha nenhum remoque**Que a regressse ao Oiro antigo!*

¹ Para que tão longo poema coubesse num bilhete postal, foi necessário escrevê-lo a 3 colunas.

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa mas ã maçã:
O Zumbido dum moscardo,
Ou comichão ã não passa...

Folhetim da «Capital»
Pelo nosso Julio Dantas,
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa ã nunca fazia,
E fuma — o estuporinho
Pende prá burocracia...

Qualquer dia pela certa
Quando eu mal me precate,
É capaz dum disparate
Se encontra uma porta aberta...

Pouco a pouco vai-se embora
Tudo quanto nela havia
Que tinha alguma valia —
Manteiga que se dessora.

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remedio?
— Pra acabar este intermedio
Lembrei-me de endoidecer:

O ã era facil — partindo
Os moveis do meu hotel,
Ou para a rua saído
De barrete de papel

86
Gritando «Viva a Alemanha»!
Mas a minh'Alma em verdade
Não merece tal façanha,
Tal prova de lialdade.

M. de Sá-Carneiro
Paris 6 Setembro
Vou deixa-la — decidido —
Num lavabo dum café
Como um anel esquecido.
É um fim mais «rafinné»...²

² Variantes em relação ao texto impresso em *Poesias* (que, como se vê, são bem mais do que as apontadas em *Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 204):

II,1 E ei-la, a mona, lá está,
2 Estendida, a perna traçada,
4 Da minha Alma estofada.

III,1 Pois é assim: a minha Alma
3 Espapaaçou-se de calma,
4 E hoje sonha só pelúcias.

IV,1 Vai aos Cafés, pede um bock,
2 Lê o «Matin» de castigo,
4 Que a regresse ao Oiro antigo:

V,2 Que não pesa, mas que maça:
3 O zumbido dum moscardo,
4 Ou comichão que não passa.

VI,2 Pelo nosso Júlio Dantas —

VII,3 E fuma o seu cigarrinho
4 Em plena burocracia!...

VIII,1 Qualquer dia, pela certa,
3 É capaz dum disparate,

Paris — Outubro 1915

Dia 6

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o seu postal de 1.º Outubro que muito agradeço. Tenho-me olhado sobre os homens. Mesmo se eles não enviassem as

IX [Não figura em Poesias]

X (IX de Poesias)

3 — P'ra acabar este intermédio

XI,3 Ou para a rua saindo

XII(XI), 1 A gritar «Viva a Alemanha»...

2 Mas a minha Alma, em verdade,

4 Tal prova de lealdade...

XIII(XII), 2 No lavabo dum Café,

4 É um fim mais raffiné.

Veja-se o que diz Sá-Carneiro em carta de 13 de Setembro de 1915:

«Mande-lhe há dias um postal com uns versos maus. Vinham bem no *ORFEU* por causa da quadra do Dantas. Assim inutilizo-os para os *INDÍCIOS DE OURO*. Mesmo se não os inutilizasse, cortaria a quadra do Dantas» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 84-85).

*Gritando «Viva a Alemanha!»
Mas a minha Alma em verdade
Não merece tal jaganha,
Tal prova de lialdade.*

*Vou deixá-la — decidido —
Num lavabo dum café
Como um gnel esquecido.
É um fim mais «rafinado».*

Em carta de 18 de Setembro, escreveria ainda:

«Agora sobre a SERRADURA:

a) Emendei a quadra que lhe desagrade, assim:

*O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca faria,
E fuma o seu cigarrinho...
— Em plena burocracia!...*

ou:

*E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia...*

Que lhe parece preferível? (O «E» pode também ser substituído por outro «Já»). A quadra em si não a elimino porque quero precisamente dizer o que nela digo. São com efeito «concessões» à normalidade o facto de hoje fumar e substituir aqui, frequentes vezes agora, a cerveja pelo vinho branco. Tudo isto é doentio — mas certo...

b) Aproveitando a poesia para os *INDICIOS DE OURO* devo eliminar a quadra do Dantas, não é verdade?» (*id.*, p. 87).

Veja-se ainda o que diz Sá-Carneiro em carta de 19 de Outubro de 1915: «Na SERRADURA quero este verso assim:

«A gritar: viva»

e não

«Gritando: viva» (*id.*, p. 107).

(Paris)

Paris — Outubro 1915

Dia 6

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o seu postal de 1 Outubro que muito agradeço. Tenha me olho sobre os homens. Mesmo se eles não enviarem as massas até 14 — o que seria indesculpável — *insistisse para que as enviassem o mais depressa possível* — (embora a 15 eu receba do meu Pai). Não se esqueça disto. E pergunte também porque raio não me enviam os livros que pedi? Com efeito preciso de livros para ler. Por isso os mandei vir. Mas até hoje nada! Perdoe maçá-lo tanto, sim? Mas não se esqueça de nenhuma das minhas recomendações! Fico ansioso — como sempre — à espera da sua carta anunciada para amanhã ou depois... Adeus. Escreva sempre. Mil abraços, mil saudades.

O seu, seu

Escreva sempre!

M. de Sá-Carneiro

Não largue os livreiros!!!

Perdoe tudo!...

Carlos Alberto Ferreira, agente comercial em Paris, antes de ser cônsul em Nice. Em Paris foi um dos melhores amigos de Sá-Carneiro, sobretudo nos últimos meses da sua vida; mas ainda depois da sua morte continuou a dar provas de dedicação ao poeta, cuja obra que publicar com Fregues, e cujos restos mortais que colocar no seu próprio jazigo.

(Postal)

(Postal)

Paris — Outubro de 1915
Dia 9

Paris — Outubro 1915
Dia 6

Querido Amigo,

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o seu postal de 4 que muito agradeço. O dinheiro recebi-o ontem. Assim não só chegou a tempo como o mais cedo que eu sempre contei com ele. Transmita ao Augusto os meus mais vivos agradecimentos. É claro que ontem lhe enviei um postal acusando a recepção do cheque: em todo o caso não deixe *de lhe repetir isto*. Diga ao Almada Negreiros que lhe enviei ontem uma carta para a Brasileira do Chiado. *Não se esqueça disto*, rogo-lhe muito. Mil abraços do seu

M. de Sá-Carneiro

Escreva sempre!

(Postal)

Paris — Outubro 1915

Domingo 24

Querido Amigo,

Estou surpreso do seu silêncio, tanto mais após o postal de há dias que anunciava para o dia seguinte uma carta. Ter-se-ia ela perdido? O Carlos Ferreira¹ está em Paris e veio-me procurar. Escrevi para a Livraria a relembrar o pedido de massas para o começo de Novembro. Cuide-me do assunto, conforme o costume. Pedi desta vez para que chegue a 6 ou 7. Não mos largue — embora eu tenha dinheiro. Não mos largue e diga o que há. Sobretudo escreva. Mil abraços. Até breve carta.

O seu

M. de Sá-Carneiro

¹ Carlos Alberto Ferreira, agente comercial em Paris, antes de ser cônsul em Nice. Em Paris foi um dos melhores amigos de Sá-Carneiro, sobretudo nos últimos meses da sua vida; mas ainda depois da sua morte continuou a dar provas de dedicação ao poeta, cuja obra quis publicar com Pessoa, e cujos restos mortais quis colocar no seu próprio jazigo.

(Postal)

(Postal)

Paris — Novembro 1915

Paris — Outubro 1915

Dia 20

Domingo 24

Querido Amigo

Querido Amigo

Recebida hoje a sua carta de 16 corrente. Muito interessantes notícias: em particular rompimento Leal — S. R. Pintor. A tourné Pacheco, Almada & C.ia sendo a mola real Almada, *evidentemente* não se realiza. Do que tenho pena, pois com muito prazer veria o Pacheco e o próprio Almada, um adorável pequeno¹. Affaire plebiscitos desopilante. E os olhos do B. V.I... Obrigado pelo horóscopo. Bem sei que o sossego nunca eu o terei... Enfim... Enfim... Não descure a livraria. Veja se eles me podem mandar todo o dinheiro que eu lá tenho. Senão, vá-os já prevenindo para me mandarem o restante dentro de breve prazo. Mas veja se eles fazem o *impossível por me mandarem todo*. Era para mim de enorme, enorme conveniência. Mil abraços. Até breve, por carta. Escreva sempre, sempre, sempre! O seu

Escreva sempre!

M. de Sá-Carneiro

¹ Uma carta de Pessoa a José Pacheco, de 7 de Novembro de 1915 (in *Colóquio/Artes*, 2.^a série, n.º 35, Dezembro de 1977), confirma que Pacheco projectara mais uma viagem a Paris.

(Postal)

(Postal)

Paris — Novembro 1915

Paris 1.º Dezembro 1915

Dia 29

Querido Amigo,

Recebi hoje o seu postal de 24 (ou 25) bem como um postal do Augusto e a carta com o cheque de 150 francos. Apesar de pelo mesmo correio escrever ao Augusto peço-lhe que transmita os meus agradecimentos. Rogo-lhe também que lhe repita que considere sem efeito o meu postal último onde lhe dizia que precisava de mais dinheiro a 10 se porventura não mo tivessem enviado todo. É que não contava que me enviassem 150 francos. Assim, este pedido fica sem efeito — e convem-me muito a data que eles indicam para me enviar o resto: 15-20 Dezembro. Está assim muito bem. Curioso que ainda se venda o *Orpheu*! Até breve. Escreva! Um grande abraço.

O seu

M. de Sá-Carneiro

E o Affaire Crédit?¹¹ V. postal seguinte.

(Postal)

(Postal)

Paris 1.º Dezembro 1915

Meu Querido Amigo,

Perdoe incomodá-lo em vão pelo Crédit¹. Com efeito o C. Ferreira recebeu hoje resposta de lá dizendo que não tinham lá nada à ordem dele. Foi um mal entendido, como já se sabia por carta do Cumano². O C. Ferreira é que tem de sacar daqui sobre o homenzinho, apresentando-lhe o Crédit a letra em Faro etc. Perdoe pois a maçada. E olhe que a tal definição do belo não é da dentista³, é... do Taine. Escreva sempre. Grandes abraços.

O seu

M. de Sá-Carneiro

¹ O Crédit Lyonnais de Lisboa, também dito Crédit Franco-Portugais.

² Lázaro Cumano, de Faro, que escrevera a Carlos Ferreira a dizer-lhe que podia sacar sobre ele 350 francos no Crédit Lyonnais de Lisboa.

³ V. carta de 27 de Novembro de 1915: «A uma dentista europeia [...] ouvi outro dia, esta definição de belo (que não deve na verdade ser da clínica), mas que acho interessante e, sobretudo, definidora do belo interseccionista: «Belo é tudo quanto nos provoca a sensação do invisível» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 128).

(Poesia)

(Postal)

Paris 10 Dezembro 1915

Muito aborrecido, meu querido Amigo. Recebi hoje o seu postal de 5 em que me diz estar ainda à espera do meu poema. Ora no *dia* 27 escrevi-lhe uma longa carta onde lhe mandava não 1 mas 3 poemas¹. Ter-se-ia ela extraviado? Que arrelia! Diga-mo na volta do correio. Também recebi há dias um outro postal e uma carta. Muito obrigado por tudo. Não tenho escrito por nada ter a dizer. Breve o farei entretanto — dissertando sobre vários assuntos entre eles Guisado. O *Franco* escreveu-me: que virá talvez para o Natal em licença. Avise Pacheco, rogo muito. Mil abraços. E embora tradução escreva, escreva.

M. Sá-Carneiro

ESCREVA!!

¹ O *Compêndio de Poesias*, de C. W. Leadbeater, traduzido por Fernando Pessoa, recebeu o Sá-Carneiro em 2 de Novembro de 1912, como se deduz de uma carta desse dia (II, p. 136).

² A «comissão deve ter que ver com o referido em carta de 24 de Novembro (II, p. 139).

³ A «comissão deve ter que ver com o referido em carta de 24 de Novembro (II, p. 139).

⁴ «Caranguejola», «Desquite» e «Ápice». A carta foi publicada em *Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 125-128.

(Postal)

(Postal)

Paris — Dezembro 1915

Paris 10 Dezembro 1915

Dia 21

Querido Amigo

Recebi ontem a sua carta de 12 que muito agradeço e à qual brevemente responderei. Hoje não tenho tempo. O Franco está comigo. Já escreveu uma carta ao Pacheco. Em todo o caso você previna-o. Uma coisa muito importante: Diga na livraria que me mandem imediatamente o dinheiro se o meu avô lá o não foi buscar ou só levou parte. Não há confusão nenhuma: se lá têm dinheiro meu — *mandem-no imediatamente*. Rogo-lhe muito que não descure este caso e que na volta do correio *em postal* que leva menos tempo, me diga o que há. Suplico-lhe!! Adeus. Mil abraços do seu

M. de Sá-Carneiro ¹

O Crédit Lyonnais de Lisboa, também dito Crédito Franco-Português.

Lizares Caneiro, de Faro, que escrevia a Carlos Ferreira a dizer-lhe que podia sacar sobre ele 350 francos no Crédito Lyonnais de Lisboa.

¹ No final deste postal, escrita com letra que não é de Sá-Carneiro, e que facilmente se calcula de quem será, vem a seguinte frase:

«Muitas saudades
do Carlos Franco».

(Postal)

Paris 21 Janeiro 1916

Sexta-feira

Querido Amigo,

Tenho uma grande carta a escrever-lhe que tem sido retardada em virtude de estar à espera de notícias suas as quais desta vez vão demasiadamente tardando!! Por amor de Deus não se esqueça de mim. *Escreva-me o mais breve possível — e o mais breve possível mande-me a carta que lhe pedi da novela romântica.* Assunto da minha próxima carta: a) «Compêndio Teosófico»¹ b) Santaritana c) Carlos Franco d) comissão Carlos Ferreira² e) Novela romântica³: novos detalhes do desenvolvimento f) notícias gerais. Mil abraços do seu muito dedicado

Mário de Sá-Carneiro

ESCREVA!!

¹ O *Compêndio de Teosofia*, de C. W. Leadbeater, traduzido por Fernando Pessoa, recebeu-o Sá-Carneiro em 8 de Novembro de 1912, como se deduz de uma carta desse dia (II, p. 116).

² A «comissão» deve ter que ver com o referido em carta de 24 de Novembro (II, p. 123).

³ Sá-Carneiro já por várias vezes falara desta novela a Pessoa, inclusivamente, em carta de 8 de Janeiro, pedindo-lhe para lhe devolver a carta em que a desenvolvera (II, 142) — e que Pessoa lhe transcreveria. Volta a falar nela na carta prometida, de 3 de Fevereiro, mas em que esqueceu outras alíneas.

(Postal)

26 Janeiro 1916 = Paris

Francamente é inadmissível, meu querido Amigo o seu procedimento. Não há razão nenhuma que o explique: física ou química, moral, social ou febril ou fabril¹. Não, mil vezes não! Tem lá umas poucas de cartas a que não me responde! Há 15 dias feitos que não recebo uma linha sua. Quem sabe até quando isto se prolongará! Coisa importante: Diga ao Pintor² que lhe escrevi uma carta para o antigo endereço 11 Tr. do Rosário. Só depois me lembrei que a família mudou-se o ano passado. Mas ignoro o novo endereço. Decerto que ele não recebeu a minha carta. Mas ignoro para onde lhe devo escrever. Não se esqueça de o avisar e de me ESCREVER³.

O seu

Sá-Carneiro

¹ «ou fabril» foi escrito no espaço por cima de «febril» e «Não».

² Santa-Rita Pintor.

³ A carta de Pessoa chegaria a 31 (*Cartas*, II, p. 146).

(Postal)

30 Janeiro 1916

Agora já não estou zangado meu querido amigo — estou muito inquieto. A sua falta de notícias prolonga-se de maneira tão extraordinária que receio que ela seja devida a qualquer grave contratempo — doenças. Queira deus que não. Mas estou muito assustado. Se no próximo sábado não receber notícias suas telegrafo ao Vitoriano Braga a perguntar por você. Mas oxalá eu me engane. Ontem tivemos por cá os balõezinhos imperiais — num bairro que lhe não posso dizer, nem isso o interessa, mas — sossegue — muito longe do meu. Depois coisa sem importância para quem está acostumado às nossas revoluções e tumultos. Europa e intensidade, tudo isto, no fim de contas... *Suplico-lhe que escreva*. Mil abraços do seu muito seu

Mário de Sá-C

(Postal)

Paris — Fevereiro 1916

Dia 1.º

Querido Amigo

Recebi ontem a sua linda carta de 26 que muito agradeço. A resposta fica para depois de amanhã pois antes disso não tenho ensejo propício — eu só gosto de lhe escrever à tarde, e hoje e amanhã estou ocupado à tarde. A resposta será de resto uma carta extensa ¹ e um mau soneto ². Você, por amor de Deus, não volte a tão longos períodos de silêncio! Quando não puder escrever avise-me num postal do género deste.

Mil abraços do seu, muito seu

M. de Sá-Carneiro

¹ Carta de 3 de Fevereiro de 1915, *Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 146-151.

² «Aqueloutro», diz-se em *Cartas*, II, p. 147; mas é mais provável que se tratasse de «El-rei», não só por ser mais «estapafúrdio e torcido» como por ter sido composto em 30/1/1916.

(Postal)

(Postal)

Paris — Fevereiro 1916

Dia 21

Meu Querido Amigo

Recebi o livro do F. Gomes¹ e postal que muito agradeço. Transmita os meus mercis ao F. G. Breve escreverei longa e calmamente. Ça ne va pas du tout — mas em todo o caso vai um pouco melhor. Não telegrafei ainda ao meu Pai: mas ideia e partida² não estão ainda — hélas — postas de parte. A minha vida de alma e corpo e o mais continua desorganizada. Mas não se assuste. Isto há-de ter uma solução qualquer. Não nada de *factos* — claro — é tudo distúrbio pela alma... e bolsa!... Adeus. Escreva.

O seu

Sá-Carneiro

¹ Augusto Ferreira Gomes (1892-1953), poeta, que deveria colaborar no n.º 3 de *Orpheu*, e amigo de Pessoa, que lhe prefaciou *O Quinto Império*, e que com ele se entregou a práticas ocultistas. O livro aqui referido, a que se referirá também, e menos rapidamente, uma carta do dia seguinte, é, segundo a anotadora das *Cartas a Fernando Pessoa, Múmia Assassina*; mas só pode ser *Rajada Doentia/Apontamentos*, Lisboa, 1915.

² O manuscrito diz: «parti».

(Postal)

Bem. Recebi a sua carta em que me fala do artigo E. Seabra¹ etc. Hoje não lhe posso dizer mais nada. Mil abraços do seu, seu

M. de Sá-Carneiro

26 Fevereiro 1916 Paris

¹ Eduardo Seabra, jornalista, a que alude também o postal de 29 de Fevereiro (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 167).

(Postal) ¹

É duma importância capital o que lhe pedi por carta ². Diga-o bem a minha Ama. Siga à risca as minhas instruções. Cheque telegráfico Crédit Lyonnais. Tenha dó de mim. *Quando mandar o cheque telegrafe-me para meu sossego um «oui»*. Conto consigo. Entrego-me nas suas mãos. Mil saudades e abraços e perdões do

M. de Sá-Carneiro

¹ Não datado; mas o carimbo dos correios de Paris indica a data de 7 de Março de 1916.

Antes deste postal foram escritas por Sá-Carneiro 3 cartas inéditas, e talvez perdidas, a que o seu autor se refere em 29 de Fevereiro nestes termos: «Tenho já três cartas escritas sobre ela» (a sua crise), «mas que lhe não envio por um motivo de superstição» (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, p. 168). Carlos Ferreira encontrou, depois da morte do poeta, duas dessas cartas (é de supor), que, «datadas de Fevereiro», versavam sobre os «amores que o mataram» (carta inédita a Pessoa, de 2 de Maio de 1916).

² De 5 de Março (*Cartas a Fernando Pessoa*, II, pp. 169-171): «Logo que receber esta carta vá procurar a minha Ama à Praça dos Restauradores, n.º 78 (3.º andar). [...] Você empenhará o cordão pelo maior preço que lhe derem» [...] «O dinheiro envia-mo imediatamente em cheque telegráfico Crédit Lyonnais».

(Telegrama)¹Bien — Carneiro²

¹ O carimbo dos correios de Lisboa indica a data 6 de Abril de 1916, mas o telegrama deve ter sido enviado de Paris a 4 (um dia depois de Sá-Carneiro ter anunciado a Pessoa o seu suicídio, atirando-se para debaixo do «Metro» — 3 dias antes anunciara o suicídio com estricnina), quando também escreveu uma carta em que diz:

«Venho de resto de enviar-lhe um telegrama a sossegá-lo».

Entretanto, antes da carta e do telegrama deve ter escrito o postal (de 4 de Abril) que as *Cartas a Fernando Pessoa* publicaram sem data, e em que diz: «Sem efeito as minhas cartas até nova ordem — as coisas não correm senão cada vez pior. Mas houve um compasso de espera» (p. 177).

² Depois deste telegrama, ou da carta do dia 4, conhecem-se ainda cartas de Sá-Carneiro para Pessoa dos dias 17 e 18 de Abril. Mas é de admitir que outras existiram, ou pelo menos outra, possivelmente do dia 26 de Abril — o dia da morte de Sá-Carneiro —, a que se referiram os amigos do poeta José de Araújo e Carlos Ferreira em cartas para Pessoa. Para melhor esclarecimento, v. Arnaldo Saraiva, «Sobre a última carta de Sá-Carneiro para Pessoa» in *Colóquio/Letras*, n.º 43, de Maio de 1978, onde se faz a correcção de erros da anotadora das *Cartas a Fernando Pessoa* e se responde às dúvidas e interrogações de Dieter Woll em *Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro*.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

I. DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

1. CARTAS

114 a Fernando Pessoa: in *Cartas a Fernando Pessoa* (Obras completas de Mário de Sá-Carneiro, III), vols. I e II, Lisboa, Ática, respectivamente 1958 e 1959. (Na realidade são 115, a que agora há que somar as 102 publicadas neste volume).

31 a José Pacheco

20 a Luís de Montalvor (Luís da Silva Ramos)

3 a Cândida Ramos

2 a Alfredo Guisado

in *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor/Cândida Ramos/Alfredo Guisado/José Pacheco*, Porto, Limaliar, 1977.

7 a José Pacheco: in *Colóquio — Artes*, 2.^a série, n.º 35, Dezembro, 1977.

4 a Philéas Lebesgue, publicadas por Jean-Michel Massa in *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 1.^a série, Münster, 1976/1977. (N. B. Foi feita separata).

4 a Armando Côrtes-Rodrigues in *Seara Nova*, ano XXV, n.º 968, Lisboa, 2 de Março de 1946 (não 1964, como se lê em François Castex, *Mário*, p. 417); a «carta inédita» de que falam Woll e Castex e que *Tempo Presente* publicou no seu n.º 6, Lisboa, Outubro, 1959, já estava publicada naquela revista, embora com data diferente. No *Tempo Presente* n.º 9, de Janeiro de 1960, fez-se a devida correcção (p. 93). A publicação de algumas das cartas (?) parece parcial: Joel Serrão, que as publicou, devolveu os originais de outras cartas a Côrtes-Rodrigues, que depois os terá cedido a um colaborador

do *Tempo Presente*, que prometeu publicar alguns, o que não fez.

3 a Gilberto Rola Pereira do Nascimento: in *Vértice*, n.º 263, Coimbra, Janeiro, 1936, (N.B.: Foi feita separata).

3 a Ricardo Teixeira Duarte: in *Colóquio* — Letras, n.º 7, Lisboa, Maio de 1972.

1 a Vitoriano Braga: in vol. II de *Cartas a Fernando Pessoa* (p. 194).

1 a Albino Forjaz de Sampaio: in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano VI, n.º 23-24, Atlântida, Julho-Dezembro, 1930.

1 a Milton de Aguiar: in *Diário Popular*, suplemento literário «Quinta-feira à tarde», Lisboa, 20 de Fevereiro de 1958; parcialmente — ao contrário do que diz Castex (*Mário*, p. 417 — transcrita in *Panorama*, 3.ª série, n.º 16, Lisboa, Dezembro, 1959, onde o facsimile da primeira página mostra alguma incorrecção na transcrição feita por Manuel Correia Marques. (N. B.: Trata-se de uma carta de 27 de Abril de 1910 e não de 17, como vem por lapso em Castex, *Mário*, p. 417, embora venha a data correcta na p. 86).

1 ao «Director da revista *Pátria Portuguesa*»: in *Sibila*, n.º 1, Maio, 1961.

1 ao «Director de *A Capital*» (7 de Julho de 1915); transcrita in *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. II, pp. 207-208.

1 à Gerência da casa A. Xavier Pinto & C.ª: in *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. II, pp. 194-195.

1 a um Amigo não identificado: in *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, de João Gaspar Simões (3.ª ed., p. 323).

1 ao «redactor» do quotidiano francês *Comoedia*, assinada também por Tomás Cabreira Júnior, e publicada nesse jornal em 6 de Julho de 1910.

1 a Rogério García Pérez; transcrita por Manuel Morais in *Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, 1940.

Quanto à numerosa correspondência inédita, sabemos do parafiteiro de alguma: François Castex adquiriu parte dela, como diz em *Mário*, p. 418; Urbano Tavares Rodrigues tem em mãos cartas inéditas para destinatário cujo nome não foi ainda revelado; Alberto de Serpa possui 1 para um destinatário desconhecido, tal como João Pedro Pinto de Sousa possui outra para Luís de Montalvor e Paulo Ferreira possui outra para Ponce de Leão; Fernando Távora possui 5 para o avô do poeta; e eu possuo a cópia de outra (perdida?) para Raul Leal.

2. POESIA

Poesias (Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro, II), Lisboa, Atica, 1.^a ed. 1946, 2.^a ed. 1953 (de que há reimpressões).

Todos os Poemas, Rio de Janeiro, Cia José Aguilar Editora, 1974.

Dispersão, 1.^a ed. Lisboa, 1914 (N. B.: A folha de rosto indica «1914»; mas saiu ainda em 1913); 2.^a ed. (Coimbra), Ed. Presença, 1939.

Indícios de Ouro, Porto, Ed. Presença, 1937.

3. PROSA

Amizade (em colaboração com Tomás Cabreira Júnior), peça em 3 actos, Lisboa, 1936 (transcrita no volume de François Castex, *Mário*, pp. 147-243).

Princípio, novelas, Lisboa, 1912.

A Confissão de Lúcio, narrativa, Lisboa, 1914; (N. B.: A capa e a folha de rosto indicam «1914»; mas saiu ainda em 1913; 2.^a ed. (Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro, I), Lisboa, Atica, 1945 (de que há reimpressões).

Céu em Fogo, novelas, Lisboa, 1915; 2.^a ed. (Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro, IV), Lisboa, Atica, 1966 (reimpresso em 1980).

Além, sonhos, 2 vols. Porto, (ed. de Petrus), (1961).

4. ANTOLOGIA

Mário de Sá-Carneiro. Poesia, organizada por Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Agir (col. «Nossos Clássicos»), 1958; 2.^a ed., 1965.

Mário de Sá-Carneiro, organizada por João Alves das Neves, S. Paulo, Ed. Iris, s/d (1961).

Mário de Sá-Carneiro, organizada por Maria Allete Galhoz, Lisboa, Ed. Presença, 1963.

II. SOBRE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

1. ESTUDOS PRINCIPAIS

Dieter Woll, *Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro*, Lisboa, Delfos, 1968.

François Castex, *Mário de Sá Carneiro e a Génese de «Amizade»*, Coimbra, Almedina, 1971.

Maria da Graça Carpinteiro, *A Novela Poética de Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1960.

João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa, História duma Geração*, 3.^a ed., Amadora (e Lisboa), Bertrand, 1973 (1.^a ed., 1951; 2.^a, 1971).

Pamela Bacarisse, *Sá-Carneiro and the Conte Fantastique*, sep. da *Luso-Brazilian Review*, vol. XII, n.º 1, Wisconsin, 1975.

Zina Maria Bellodi, *Função e Forma do Tradicional em Mário de Sá-Carneiro*, Araraquara, Faculdade de Filosofia, C. e Letras, 1975.

V. estudos introdutórios das obras citadas em I.4 (antologias), e a introdução a *Poesias*, da autoria de João Gaspar Simões, bem como o capítulo que Óscar Lopes, em colaboração com Luísa Da-costa, dedica a Sá-Carneiro na sua *História Ilustrada das Grandes Literaturas - VIII - Literatura Portuguesa*, 2.º vol., Lisboa, Cor, 1973.

V. ainda as teses de Maria da Ascensão Ferreira Custódio de Moraes, *Aspectos Estilísticos da Poesia de Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, 1947 (policopiada) e de Manuel Moraes, *Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, 1940 (policopiada). (N. B.: São ambas consultáveis na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

2. ESTUDOS SOBRE AS CARTAS

Urbano Tavares Rodrigues, in *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. I, Lisboa, Atica, 1958 (pp. 9-22).

João Mendes, «Mário de Sá-Carneiro — *Cartas a Fernando Pessoa*», in *Brotéria*, vol. LXVIII, n.º 6, Lisboa, Junho, 1959 (pp. 695-700).

Rogério Martins, «Mário de Sá-Carneiro — *Cartas a Fernando Pessoa*», in *Ocidente*, vol. LVIII, n.º 263, Lisboa, Março, 1960 (pp. 138-140).

Naief Safady, «Mário de Sá-Carneiro — *Cartas a Fernando Pessoa*», in *Revista de Letras*, volume I, Assis (S. Paulo), 1960 (pp. 249-252).

Pierre Hourcade, «Mário de Sá-Carneiro — *Cartas a Fernando Pessoa*», in *Bulletin des Etudes Portugaises*, nova série, tomo XXII, Lisboa, 1959-1960 (pp. 326-331).

Jorge de Sena, «*Cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*», in *O Poeta é um Fingidor*, Lisboa, Atica, 1961 (pp. 61-77).

François Castex, «*Cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro*», in *Colóquio — Letras*, n.º 7, Lisboa, Maio, 1972 (pp. 40-41).

Andrée Crabbé Rocha, in *A Epistolografia em Portugal*, Coimbra, Almedina, 1965 (pp. 409-411).

João Gaspar Simões, «Sá-Carneiro escreve a Fernando Pessoa», in *Heteropsicografia de Fernando Pessoa*, Porto, Inova, 1973 (pp. 282-290); «As cartas de Sá-Carneiro», *Diário de Notícias*, 3.8. 1978.

Arnaldo Saraiva, in *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor/Cândida Ramos/Alfredo Guisado/José Pacheco*, Porto, Limiar, 1977 (pp. 7-27).

Teolinda M. Gersão, crítica à obra anterior, in *Colóquio — Letras*, n.º 45, Setembro, 1978.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Aguiar, Milton de — 138
 Alberto, Carlos — 46
 Almeida, Tomás de — 6, 91
 Amadeo — v. Souza-Cardoso
 Apollinaire, Guillaume — 85, 86
 Araújo, José de — 136
 Augusto — 107, 111, 122, 125

Bacarisse, Pamela — 140
 Barros, João de — 59
 Beirão, Mário — 18, 42
 Bellodi, Zina Maria — 140
 Berardinelli, Cleonice — 139
 Braga, Vitoriano — 48, 81, 110, 131, 138

Cabreira Júnior, Tomás — 113, 138, 139
 Carpinteiro, Maria da Graça — 140
 Carvalho, Ronald de — 7
 Castex, François — 137, 138, 139, 140, 141
 Côrtes-Rodrigues, Armando — 53, 56, 82, 137, 138
 Cumano, Lázaro — 126
 Cunha, Augusto — 59

Dacosta, Luísa — 140
 Dantas, Júlio — 59, 117, 118, 119, 120
 Delaunay, Robert — 112
 Delaunay, Sonia — 112
 Duarte, Ricardo Teixeira — 138

Ferreira, Carlos Alberto — 123, 126, 129, 135, 136
Ferreira, Paulo — 138
Ferro, António — 18, 59
Franco, Carlos — 6, 56, 61, 67, 72, 114, 127, 128, 129

Galhoz Maria Aliete — 54, 139
Gaudi, Antoni — 75
Gersão, Teolinda M. — 141
Gomes, Augusto Ferreira — 133
Guisado, Alfredo — 8, 35, 42, 49, 53, 55, 56, 63, 66, 89, 92, 93, 94, 98,
99, 102, 127, 137

Halpert, Samuel — 112
Hourcade, Pierre — 141

Junqueiro, Guerra — 74

Lacerda, Augusto de? Fernando de? — 18
Leadbeater, C. W. — 129
Leal, Raul — 124, 138
Leão, António Cardoso Ponce de — 18, 138
Lebesgue, Philéas — 137
Lima, Ângelo de — 93
Lopes, Oscar — 140

Machado, Bernardino — 34
Machado, João — 4
Marques, Manuel Correia — 138
Martins, Rogério — 141
Massa, Jean-Michel — 137
Maul, Carlos — 44
Mendes, João — 141
Montalvor, Luís de — 8, 34, 90, 103, 137, 138
Morais, Manuel de — 138, 140
Morais, Maria da Ascensão Ferreira Custódio de — 140
Moura, Helena Cidade — 5

Nascimento, Gilberto Rola Pereira do — 138
Negreiros, José de Almada — 4, 52, 103, 112, 122, 124
Neves, João Alves das — 139
Nobre, Gustavo — 8

Ofélia — 9

Pacheco, José — 8, 49, 50, 53, 59, 72, 83, 84, 89, 90, 91, 99, 103,
106, 108, 112, 113, 124, 127, 128, 137
Pérez, Rogério Garcia — 138
Pinto, Alvaro — 46, 50

Rajauto, Valério de — 80
Ramos, Cândida — 8, 34, 137
Ramos, Luís da Silva — v. Montalvor, Luís de
Ribeiro, Tomás — 115
Rita — v. Santa-Rita
Rocha, Andrée Crabbé — 141
Rodrigues, Urbano Tavares — 5, 138, 141

Safady, Naief — 141
Sampaio, Albino Forjaz de — 138
Santa-Rita, Augusto de — 18, 85, 86, 111
Santa-Rita Pintor (Guilherme de) — 50, 72, 124, 130
Saraiva, Arnaldo — 6, 136, 141
Seabra, Eduardo — 134
Sena, Jorge de — 24, 141
Sarpa, Alberto de — 138
Serrão, Joel — 55, 138
Simões, João Gaspar — 7, 23, 89, 112, 138, 140, 141
Sousa, João Pedro Pinto de — 138
Souza-Cardoso, Amadeo de — 112

Taine, Hyppolite — 126
Távora, Fernando — 138

V., B. — 124
Viana, Eduardo — 103, 112
Viana, Santos — 68
Vieira, Afonso Lopes — 24, 59

Woll, Dieter — 7, 31, 33, 70, 87, 136, 137, 140



ÍNDICE

Prefácio	5
Advertência	11
CORRESPONDÊNCIA	13
Bibliografia fundamental de Mário de Sá-Carneiro	137
Bibliografia fundamental sobre Mário de Sá-Carneiro	140
Índice onomástico	143

ÍNDICE

5		Prólogo
11		Advertência
13		CORRESPONDENCIA
137		Bibliografia fundamental de Mário de Sá-Carneiro
140		Bibliografia fundamental sobre Mário de Sá-Carneiro
143		Índice onomástico